

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**FOLHA DE SÃO PAULO (1990 – 2008): A CONSTRUÇÃO E
(DES)CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE A EXPERIÊNCIA
DOS BRASILEIROS NO EXTERIOR.**

PÂMELA APARECIDA VIEIRA SIMÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**FOLHA DE SÃO PAULO (1990 - 2008): A CONSTRUÇÃO E
(DES)CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE A EXPERIÊNCIA
DOS BRASILEIROS NO EXTERIOR.**

Monografia apresentada
no Curso de Graduação
em História pela
Universidade Federal de
Uberlândia, com exigência
parcial para obtenção do
título de Bacharel em
História, sob a orientação
da Prof^ª. Dr^ª. Célia Rocha
Calvo.

UBERLÂNDIA, JULHO DE 2009

PÂMELA APARECIDA VIEIRA SIMÃO

FOLHA DE SÃO PAULO (1990 - 2008): A CONSTRUÇÃO E
(DES)CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE A EXPERIÊNCIA
DOS BRASILEIROS NO EXTERIOR.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo – Orientadora.

Prof^a. Dr^a. Dilma Andrade de Paula.

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente aos meus pais que sempre dedicaram as suas vidas para criar eu e o meu irmão, com todo o amor e dedicação. Mãe e Pai é por vocês que estou aqui hoje, graças a luta que sempre travaram oferecendo o melhor a mim e ao Pablo e, acima de tudo, sempre acreditando em nós. Nunca esquecerei do que fizeram por mim, nos momentos mais difíceis estiveram do meu lado me ajudando a levantar e continuar. Espero um dia retribuir a vocês, meus amores, pelo menos um pouco, do tanto de que já fizeram por mim.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer primeiramente aos meus pais por sempre me apoiarem em todos os sentidos e terem lutado tanto para me oferecer a oportunidade de estudar, oportunidade esta que não tiveram. Um grande beijo a vocês que são a minha razão de viver.

À minha orientadora professora Célia Rocha Calvo, especialmente, pela atenção, dedicação, compreensão, paciência dispensadas sempre estimulando o meu trabalho e colaborando no meu crescimento como historiadora. A você professora minha eterna admiração pelo seu trabalho e minha gratidão pelas várias orientações para a realização deste trabalho.

Não poderia deixar de lembrar do João Batista, secretário, sempre muito prestativo e disposto a ajudar.

Aos meus queridos amigos, Helaine e Lucas, companheiros de todas as horas, sem vocês a vida não teria o mesmo colorido. Obrigada por existirem na minha vida meus amores. Um beijo especial a meu amigo Lucas que fez algumas correções neste trabalho, mesmo tendo o tempo tão curto.

RESUMO

Este trabalho visa analisar sobre a memória que a imprensa periódica, Folha de São Paulo, está construindo sobre a imigração de brasileiros para o exterior em suas páginas. Nesse sentido, busco refletir sobre a produção jornalística, analisando o que está por ‘trás’ do jornal, quem são os proprietários e o quadro de pessoas que participam da sua produção, o que está por ‘dentro’, a organização interna do jornal, a forma de disponibilizar e produzir as notícias, e por fim, o em ‘frente’ do jornal que diz respeito ao público-alvo.

Dessa forma, saliento a importância de perceber o jornal como fala posicionada e não como espelho do real. O jornal ao informar, forma opiniões oferecendo já de antemão possíveis sentidos sobre os diversos assuntos que discorre. Por isso, é preciso reconhecer o jornal como um agente imbuído de um poder que ao noticiar constrói e difunde uma dada memória sobre determinado assunto de acordo com seus interesses.

Assim, o foco deste trabalho consiste em procurar (des)construir o discurso jornalístico percebendo as estratégias utilizadas na produção de uma dada memória sobre a imigração de brasileiros para o exterior, que não é necessariamente a ‘única, universal’ mas aquela que se pretende representar como sendo tal.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
--------------------------	----------

CAPÍTULO I

<i>FOLHA DE SÃO PAULO: A CONSTRUÇÃO E (DES)CONSTRUÇÃO DOS FATOS E VERSÕES.....</i>	<i>17</i>
--	-----------

CAPÍTULO II

<i>BRASILEIROS NO EXTERIOR: ‘ESTRANHOS NO PARAÍSO’. UMA MEMÓRIA INSTITUÍDA ‘DOS SEM LUGAR’.....</i>	<i>38</i>
---	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/FONTES.....	85
---	-----------

APRESENTAÇÃO

O assunto imigração sempre me causou fascínio em função, principalmente, dos sentimentos condicionantes desse processo social. O sonho de realização em outra ‘terra’ emite a esperança que leva os sujeitos a se aventurarem rumo ao desconhecido. Porém, a chegada no ‘novo mundo’ é marcada por choques e conflitos que se estabelecem a partir das diferenças culturais e das lutas que se travam pela conquista do seu espaço. Assim, todos aqueles sentimentos bons, positivos, dão lugar a sentimentos negativos, de frustração, humilhação e vergonha por não terem conseguido realizar lá o que prometeu aos que ficaram aqui.

Feito a escolha do suposto tema, a imigração, era preciso direcionar uma abordagem, uma vez em que, tal tema é muito amplo, oferecendo diversas formas de trabalho. Dessa forma, acabei por escolher como fonte a imprensa periódica. Como leitora da Folha de São Paulo, ia tendo contato sobre este assunto, a imigração, a partir da construção feita por este periódico, como mera espectadora, no entanto, quando a escolhi como fonte o meu olhar se modifica através de uma análise crítica fruto do meu trabalho como historiadora. Assim, houve um redirecionamento no foco do meu trabalho que passou a ser a Imprensa, especificamente, a Folha de São Paulo, jornal a partir do qual busco investigar sobre a memória que este periódico está construindo em relação aos processos migratórios.

As matérias realizadas na graduação, especialmente na disciplina América III com a professora doutora Célia Rocha Calvo, hoje minha orientadora, no quinto período, foram me dando subsídios para um melhor entendimento intelectual sobre tal temática. Em tal disciplina a partir do conhecimento de vários textos, especialmente os do antropólogo Cancline, estudamos os intercâmbios, ou melhor, os processos migratórios, nos quais a busca do El’dourado em países desenvolvidos, de primeiro mundo, sobretudo, emitem sinais de esperança em contrapartida do pessimismo em relação aos seus próprios países. Há um desencanto com os governos, com a “crise” política de forma geral, apesar de compartilhar com as idéias da filósofa Marilena Chauí de que tal crise é muito mais um produto da mídia e uma estratégia de conformação do que uma crise propriamente dita.

Dentro de tal contexto da globalização as fronteiras se apagam e a idéia de nacionalidade começa a perder sentido, o que não quer dizer que as diferenças culturais se dissolvam na experiência da imigração, mas há um processo de desenraizamento que faz com que as pessoas, no caso os imigrantes brasileiros, não se identifiquem mais com o território nacional, mas com o lugar que vislumbram uma possível ascensão social. Mesmo porque na atualidade ser cidadão está muito mais ligado com a idéia de consumo do que ao território nacional. Dessa forma, a globalização não pode ser condicionada ao simples contexto do fluxo de mercadorias, informações e pessoas no qual as várias partes do mundo se conectam mas, sobretudo, como um processo social a partir do qual buscam uma participação social que tem sido organizada mais através do consumo do que mediante o exercício de cidadania. Para ser consumidor é preciso ter dinheiro e para conseguí-lo aventuram-se para fora.

De acordo com o antropólogo Cancline, este processo pode ser entendido como perda e despolitização em relação aos ideais da democracia liberal ou iluminista, ao mesmo tempo em que, a noção política de cidadania se expande ao incluir direitos de habitação, saúde, educação e a apropriação de outros bens em processo de consumo. Por isso, é preciso reconceitualizar _ mesmo porque os conceitos são históricos, mudam de acordo com a sociedade e a época _ o consumo não como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais, mas como espaço que serve para pensar e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades. É pensar a recomposição das relações sociais e as insatisfações do fim do século XX.¹ Além disso, a globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. Assim a multiculturalidade é um tema indissociável dos movimentos globalizadores e geradora dos choques e conflitos que se estabelecem no contexto da imigração.

A fonte a partir da qual busco problematizar tal assunto, a imigração de brasileiros para fora do país, é a imprensa, especificamente, o periódico “Folha de São Paulo”.

¹ Para refletir sobre essas questões foi importante a leitura do antropólogo **CANCLINE**, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

A minha escolha pela Folha de São Paulo partiu primeiramente pelo fato de ser um jornal de grande amplitude, não só no sentido do conteúdo das notícias, mas também do alcance em várias regiões do Brasil. Seria um jornal no qual eu saberia que encontraria grande número de notícias tratando sobre o assunto imigração, mesmo porque neste momento tal assunto está em pauta.

A princípio comecei a procurar pelas reportagens que tratavam sobre a ida de brasileiros para o exterior em arquivos particulares, entretanto, tive dificuldades em encontrar todos os exemplares, sem contar o trabalho que era verificar em cada caderno se tinha alguma reportagem falando sobre imigração. Mais tarde, soube através de um colega da faculdade que a Folha oferecia um serviço através do qual ela poderia encaminhar as notícias que desejasse via eletrônica ou correio mediante pagamento. Dessa forma, entrei em contato com o pessoal da Folha através de um e-mail disponibilizado no site do jornal e informei sobre o que eu queria, todas as reportagens que tratassem sobre a imigração de brasileiros no exterior desde os anos noventa. Depois de alguns dias, mandaram-me o orçamento e, logo após o depósito da quantia estabelecida, as reportagens foram enviadas via correio, impressas, como o desejado. Mesmo com os limites que esse tipo de fonte digital coloca, por não ter disponível todo o caderno do jornal, mas somente as notícias selecionadas, este serviço oferecido pela Folha foi importante pelo pouco tempo que dispunha, sendo muito mais dispendioso procurar as reportagens manualmente em algum acervo público ou privado.

Um outro fator que me levou a escolher a Folha de São Paulo se remete ao fato que ao ser um jornal produtor de uma linguagem ativa difunde uma memória/sentidos que vai influenciar no modo do seu público compreender o processo da imigração, principalmente, por ser portadora de um status que legitima a criação/formação de uma “opinião pública” através da produção de informações que são consumidas. Dessa forma, o público-leitor, especialmente, o letrado, possui a necessidade de ler o jornal a fim de compartilhar dessa “opinião pública” produzida por este agente social. Eu como leitora _estudante e professora_ coloco-me nesse mesmo lugar da precisão de consumir as informações produzidas por este jornal e participar dessa “opinião pública”, pois, esta

remete ao sentido de estar “por dentro de tudo”, estar informado, fator tão importante ao público letrado, ou aqueles, que desejam se encaixar a tal categoria.²

Ao iniciar a pesquisa, logo caí numa armadilha na qual o historiador tem que tomar cuidado ao usar a imprensa como fonte: usar o jornal como espelho do real. A princípio o que buscava era apenas a comprovação e legitimação de um olhar meu, pronto e acabado sobre o assunto. Isto acontecia porque eu também compartilhava daquela noção de que a imprensa jornalística tem a função primordial de informar imparcialmente trazendo a realidade de forma objetiva.

A imprensa aparece como fala pronta, algo que aconteceu como prova. Entretanto, o fazer do jornal está se constituindo no *endo*, é ele quem decide o que é relevante, decide o que as pessoas vão ver. Assim, no contato com várias fontes que tratavam sobre os meios de comunicação pude perceber que a mídia, imprensa jornalística, tem um poder na construção da realidade através da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana, representação que atende interesses e esconde disputas³. Sempre foi característica opinar mais do que isso formar opiniões, mas escondendo as suas opiniões. O que nos parece imparcial é na verdade carregada de opiniões, intenções, por isso, é preciso prestar atenção na maneira pela qual o jornal produz as notícias para perceber tais armadilhas.

Entre nós, historiadores, há algum tempo superamos a rejeição à imprensa ou sua incorporação a-crítica como um documento histórico cuja validade estaria exatamente no caráter objetivo e isento reivindicado pelo texto jornalístico, desde o início do século XX. No entanto, ainda é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças

² Tais questões serão tratadas com mais clareza no primeiro capítulo.

³ Nesse sentido, para entender a imprensa como uma fonte de poder legitimada, não só por ser tomada como transmissora dos fatos “como aconteceu de verdade” mas também ser cada vez mais legitimada no seu fazer em função do discurso sobre a liberdade de expressar que lha abrem brechas de atuação, foi importante a leitura de LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.⁴

Dessa forma, fazer história a partir da análise da imprensa pressupõe o conhecimento de uma premissa imprescindível: *“toda fala é posicionada”*⁵.

O jornal como produto destinado ao público com fins lucrativos, possui uma intencionalidade a priori, por isso, a leitura deve ser realizada de forma crítica, buscando perceber as estratégias e métodos de sua construção para apreender os sentidos e conseqüentemente a memória que se está construindo sobre determinado assunto. Contudo, tal tarefa oferece muitas armadilhas porque a imprensa apresenta os acontecimentos como os fatos ocorreram constituindo como um lugar de produção da verdade.

Ainda segundo Martín-Barbero, os fatos são o disfarce que a imprensa utiliza para dissimular a forma-mercadoria de seu discurso. Escondida atrás dos fatos que apresenta, a imprensa procura consolidar a idéia que trabalha sem interesses, a serviço da sociedade, sendo para isso sempre objetiva. Porém, vale mais uma vez ressaltar que apesar de se auto-intitular porta-vozes imparciais dos acontecimentos, há nos jornais uma construção de sentido, uma interpretação por parte daqueles que “fabricam” as notícias, acontecendo assim uma seleção do que é ou não importante. Os jornais reconhecem as contradições presentes na sociedade e as elaboram segundo seus interesses.⁶

Assim sendo, a imprensa é um agente social que participa das relações sociais na medida em que filtra os diversos interesses e projetos segundo os interesses que representa, construindo uma dada memória que modela a consciência a partir do momento que elege uma história e apaga outras possibilidades.

⁴ **MACIEL**, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; Koury, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2005, p. 15.

⁵ Frase citada pela professora doutora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Laura Antunes Maciel, durante uma oficina ministrada por ela sob o título “História e Imprensa” na Universidade Federal de Uberlândia.

⁶ **BARBERO**, Jesús-Martín. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Daí decorre para o historiador a necessidade de não ver a linguagem como neutra ou “despolitizada”, mas pensada dependendo de um mercado, garantindo certas modalidades de relações sociais e colaborando na constituição de certa memória. Nesta linha de raciocínio uma questão que se coloca para o historiador é observar quem produz uma dada linguagem, para quem produz, como a produz e quem a domina.⁷

No intuito de apreender as formas construídas/produzidas de representar a realidade utilizada pelo jornal, vários são os elementos que devem ser levados em consideração. Mesmo porque toda a organização do jornal e sua publicação são construídas de forma intencional visando alcançar determinado objetivo, ou seja, a intenção do jornal não é simplesmente informar, mas noticiar um assunto que já carrega um posicionamento pré-estabelecido a partir da forma de organizar o seu caderno e disponibilizá-lo para o público.

É preciso se atentar aos silêncios e omissões, as formas de distribuir as notícias nos cadernos, assim como também indagar sobre o próprio grupo Folha de São Paulo. Tais aspectos serão discutidos no primeiro capítulo, no qual serão analisadas não só as características internas do grupo Folha de São Paulo, quem é a Folha de São Paulo, como também os dois pilares imprescindíveis na análise da Imprensa. A forma, que se refere à caracterização geral do jornal consultado na qual, serão abordados os aspectos formais, materiais do jornal, históricos, econômicos e o público-leitor alvo. E o conteúdo que abarca os métodos para a compreensão dos possíveis sentidos que a prática jornalística está criando. No entanto, existem vários outros aspectos relevantes na análise do jornal como a seção ou coluna do jornal dedicada ao tema estudado, número de vezes que aparece nas manchetes, hierarquia das unidades-temas e termos de frequência, tipo de matéria dedicada ao tema (editorial, reportagem, entrevista, crônica, etc), ilustração e etc. Enfim, a forma, como e o lugar em que aparece o tema selecionado, neste caso a imigração de brasileiros para o exterior, já revela muito da interpretação que esse agente social, Folha de São Paulo, faz sobre o tema e da memória que se está difundindo sobre ele. Ao mesmo tempo em que, essa forma de disponibilizar o tema já condiciona uma forma de leitura sobre ele, ou seja, a própria organização interna e a forma de construir a matéria condiciona uma pré-leitura

⁷ **VIEIRA**, Maria do Pilar, **PEIXOTO**, Maria do Rosário da Cunha e **KHOURY**, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo, editora Ática, 1989, p. 20.

para um público já pré-estabelecido dependendo da parte do jornal em que aparece a notícia⁸. Segundo Pierre Albert, na análise do jornal é importante levar em conta três aspectos: o que está “atrás”, “dentro” e em “frente” do jornal.

O atrás do jornal é tudo aquilo que contribui à sua realização e intervém no seu controle: sociedade proprietária, empresa editora e corpo de redatores e jornalistas. Por “dentro” do jornal entende-se as características formais da publicação, o estilo de apresentação das matérias e notícias, o quadro redacional (distribuição dos artigos pelas várias colunas e seções do jornal), a publicidade, a parte redacional (principais colunas e seções) e as principais tendências da publicação. Finalmente o “em frente” do jornal diz respeito à audiência da publicação ou ainda seu público-leitor alvo.⁹

A partir do recorte cronológico que elegi, no início dos anos 90, foi possível perceber, através das reportagens produzidas pela Folha, que houve uma inversão no fluxo migratório, o Brasil passa da categoria de país receptor de imigrantes para a de fornecedor. Assim busco também discutir no primeiro capítulo sobre essa memória que a Folha está produzindo ao instituir os anos 90 como marco instituído para a mudança do fluxo migratório e as possíveis “explicações” para essa mudança do fluxo migratório atribuídas pelo jornal.

A Imprensa, na medida que constrói uma linguagem, difunde uma dada memória na qual as pessoas não só participam dela como também a compartilham. “De pouco serve que as pessoas digam “não acreditar” nesse discurso, se é partir dele que se atua e vê o mundo, se é através dele que o acontecer do mundo significa e que essa significação é consumida.”¹⁰

Nesse sentido, no segundo capítulo, busco perceber como as experiências dos imigrantes brasileiros no exterior são significadas pelo jornal a partir de uma memória que

⁸ Sobre estes aspectos foi relevante a leitura de **ZICMAN**, Renée Barata. 4º parte: artigos: História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. IN: Revista PROJETO HISTÓRIA. (Programa de Estudos Pós-Graduados e Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, Educ, 1981.

⁹ Idem, p. 92.

¹⁰ **BARBERO**, Jesús-Martín. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 83.

constrói, na qual, tais experiências aparecem ligadas principalmente à violência, à ilegalidade e à frustração do sonho de “fazer a vida”. Através das notícias do jornal, foi possível refletir que mesmo que haja um discurso de um mundo “democrático”, no qual você é portador de uma liberdade, o cotidiano destes imigrantes é permeado por lutas, conflitos e tensões que se estabelecem a partir de uma rotulação que os colocam como sendo os de fora, portanto, um não-cidadão, uma vez em que o acesso aos direitos de cidadania está condicionado à posse de nacionalidade. E essa noção de nacionalidade vai além dos espaços segregados geograficamente, ser brasileiro não é só pertencer ao país Brasil localizado geograficamente na América Latina, mas carrega valores e sentidos.

Segundo Cancline, mesmo que dentro do contexto da globalização as fronteiras se apaguem, no sentido de se tornarem mais permeáveis, as diferenças culturais não se dissolvem, pois, os sujeitos representam o seu lugar no seu não-lugar o que gera conflitos. O imigrante convive com o outro, com diferenças dentro de um cotidiano marcado por verdadeiras batalhas travadas que resultam na elaboração de modos específicos de luta para permanecer no país, disputar lugares na sociedade e conquistar direitos.

A frequência com que os imigrantes aparecem nas reportagens sempre ligados à deportação, à criminalidade, enfim, a marginalidade e negatividade nos leva a questionar: Quais são os direitos individuais que devem ser garantidos mesmo aos indivíduos que estão “fora da lei”? A declaração dos direitos humanos adotada pela ONU prevê no artigo 15, o direito aos imigrantes de terem direitos, contudo, na prática tais direitos não são garantidos. Isto acontece porque o Estado possui o monopólio de legitimidade da mobilidade que é considerado um dos fundamentos de soberania do Estado. Um dos aspectos mais importantes das políticas de imigração é essa tensão que se estabelece entre o respeito aos direitos individuais e a soberania do Estado. Quando os movimentos de direitos humanos questionam essas limitações, recebem como resposta dos países receptores que hoje não é possível acolher os imigrantes e que o desemprego tem aumentado, além disso, responsabilizam os imigrantes pelo aumento das delinquências e dos conflitos sociais.

Grande parte da população dos países receptores, motivada seja pela crise econômica, seja pela ameaça do terrorismo ou do narcotráfico, seja simplesmente pela xenofobia, pressiona esses governos no sentido de fechar as

portas para a imigração. A existência de grupos de pressão díspares aliados a interesses econômicos e políticos de outras naturezas, contribuiu para a formulação de políticas de imigração e nacionalidade complexas e, muitas vezes, incoerentes, que acabam não satisfazendo a nenhum dos lados e sendo taxadas de ineficazes, tanto pelos que defendem um fechamento maior, como pelos que defendem uma maior liberalização das fronteiras. (...) As políticas de migração refletem o dissenso dos diferentes atores políticos, dentro e fora do Estado, sobre a construção de suas fronteiras.¹¹

Em poucas palavras, busco através deste trabalho refletir sobre o papel da imprensa como uma “voz” legitimada que se apóia numa falsa aparência de neutralidade construindo uma memória sobre a imigração que não é necessariamente a única, mas a que tem pretensão em transformar-se em universal e a que está em consonância com seus interesses. A partir de um trabalho de compreensão/problematização do fazer noticioso é possível perceber os possíveis sentidos que o jornal Folha de São Paulo está atribuindo à imigração, ao mesmo tempo em que, possibilita refletir sobre a complexidade de tal processo, no qual estão envolvidos vários setores díspares da sociedade. Além disso, nos incita a problematizar várias temáticas, como por exemplo, a questão da ilegalidade.

¹¹ **Reis, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092004000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 abr. 2008.

CAPÍTULO I

Folha de São Paulo: a construção e (des)construção dos fatos e versões.

Muito rapidamente a imprensa começou a sentir que as notícias não só tinham de ser dadas mas também reunidas e, para dizer a verdade, [era preciso] fazê-las. Assim, da mesma forma que 'fazer o bem', fazer notícias implica um mundo de ações e ficções.
(Marsall McLuhan)

A imprensa atualmente tem se caracterizado, sobretudo, pela presunção de uma suposta objetividade negando suas características políticas e ideológicas. Porém, embora a linguagem jornalística tente passar imparcialidade, a forma pela qual as informações são transmitidas reflete a atitude própria de cada veículo de informação. Esse tipo de veículo de informação tem como característica principal a construção de “realidades” através de uma escrita própria denominada de “escrita de Imprensa”. Por isso, a utilização da Imprensa como fonte histórica oferece perigos, uma vez em que, grande parte dos pesquisadores tende a tomá-la como fonte precisa e neutra, fazendo a informação valer por si mesma.

Com raríssimas exceções, para os historiadores o jornal é antes de tudo uma fonte onde se “recupera” o fato histórico – uma ponte ou trampolim em direção à realidade – não havendo, entretanto, interesse por sua crítica interna.¹²

A mídia periódica através das palavras/ expressões simplifica questões complexas, ambíguas e de interpretações múltiplas, reduzindo um variado leque de significados a apenas um único significado “guarda-chuva facilmente assimilável”.¹³

¹² ZICMAN, Renée Barata. 4º parte: artigos: História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, 1981.

¹³ LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

Contudo, através de um trabalho de desconstrução e análise da organização e constituição do jornal é possível perceber que há uma “dissimulação” da realidade a partir de uma interpretação que faz e oferece como representante do real.

Segundo Barbero, a necessidade de informar é algo presente no capitalismo desde a sua gênese e nesse sentido a Imprensa periódica, especialmente, assume tal papel já incumbida de uma “voz” legitimada que se apóia numa falsa aparência de neutralidade e no discurso de liberdade. Aliás, o falso discurso de liberdade tem servido de justificativa a todas as formas de dominação e opressão, inclusive, o próprio jornal através da liberdade de expressão “impõe” uma visão de mundo que não é sentido pelo público como uma forma de opressão justamente por causa do discurso de liberdade de expressão que o incube de um poder capaz de imprimir seus interesses de forma não visível.

Dessa forma, é preciso ler os discursos como acontecimento de poder, pois, o discurso não representa somente as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo pelo que e por meio do qual se luta, aquele poder do qual quer se apoderar. O discurso é poder porque produz e produz porque nele há matéria e trabalho, e não só signos, estruturas de significação. Tal trabalho consiste em informar dando forma. O trabalho de informar é impossível de neutralidade porque a imprensa ao publicar os fatos transforma-os em notícia dando uma forma que não é indissociável de um sentido e de uma ideologia que lhes são atribuídos. Assim a questão do poder mina a falsa neutralidade do discurso – a que resulta de um mero tratamento lógico-formal – a questão do desejo leva mais longe o assunto, ao minar o disfarce da “objetividade” da linguagem sem sujeito¹⁴.

A forma que o jornal impõe ao mundo é a forma que o torna consumível: essa “marca de fábrica” com a qual a racionalidade da lógica mercantil marca a produção e a circulação de notícias. Desde a sua origem, o dispositivo moderno da informação esteve conformado pela expansão do mercado, de tal maneira que

o processo de produção das notícias – a transformação da notícia em produto industrial – se acha em relação indissolúvel com o processo de transformação em “notícia” de tudo aquilo que alimentava o modelo industrial de produção. É no

¹⁴ Para refletir a questão do poder da imprensa foi importante a leitura de **BARBERO**, Jesús-Martín. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

processo de circulação que a necessidade que a produção tem de informação toma a forma de imprensa periódica.¹⁵

Dentro deste contexto, no qual a linguagem não se faz sem um sujeito, um sujeito por sua vez possuidor de um poder, uma vez em que, não é qualquer um que tem o direito de falar e nem todos podem falar de tudo, torna-se imprescindível analisar quem é o sujeito Folha de São Paulo apreendendo assim, a sua “marca de fábrica”, ou seja, com quais poderes se articula, quais interesses representa, a partir de quais pressupostos possui um poder na constituição de uma memória que induz a sua produção e o torna consumível. Ou melhor, busco indagar sobre a constituição desse jornal, o que está nos bastidores (*O atrás do jornal é tudo aquilo que contribui à sua realização e intervém no seu controle: sociedade proprietária, empresa editora e corpo de redatores e jornalistas*)¹⁶ e que não vemos, mas que é um dos fatores mais importantes na análise do jornal porque possibilita compreender a sua “marca de fábrica”.

O jornal folha de São Paulo foi fundado em 1 de janeiro de 1960 como resultado da aglomeração dos três jornais: “Folha da Manhã”, “Folha da Tarde” e “Folha da Noite”. Desde a sua formação estes jornais apresentam aspectos editoriais e gráficos diferenciados, seguindo uma mesma orientação política.

Em São Paulo, a recém-criada empresa Folha da Manhã¹⁷ Ltda. inicia a publicação em fevereiro de 1921 do jornal *Folha da Noite*, nas oficinas do *O Estado de S. Paulo*. O jornal concentrava-se em temas populares e urbanos, sob a direção de Olival Costa (1921 a 1931), movida também pelo interesse na modernização da linguagem cotidiana. Em 1925 Olival Costa cria um novo jornal, a *Folha da Manhã*, que retratava os grandes acontecimentos com ênfase

no comentário pessoal -, como o jornal local, urbano onde imperava campanhas contra a carestia e o analfabetismo. Os dois jornais apresentavam estruturas

¹⁵ Idem.

¹⁶ ZICMAN, Renée Barata. 4º parte: artigos: História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. IN: **Revista Projeto História**. (Programa de Estudos Pós-Graduados e Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, Educ, 1981, p. 92.

¹⁷ Empresa que edita o diário Folha de São Paulo, o jornal Agora, o maior portal de internet do país, Universo Online (UOL), Instituto Datafolha, a editora Publifolha, a gráfica Plural e o diário econômico *Valor*, em conjunto com as Organizações Globo.

semelhantes, mas a *Folha da Noite*, desse período, possuía a clara intenção de atingir o público de imigrantes, em sua maioria formada por grupos de operários, um contingente que começava a se destacar no cenário urbano, contando com o noticiário de articulação política dos jornais operários.¹⁸

Em 1930 Olival Costa vende as suas ações para Octaviano Alves de Lima, representante da economia agrária, que permanece seu proprietário durante os quinze anos. No período final do Estado Novo, Octaviano decide vender o jornal. Assume a direção do jornal, um “aglomerado político-industrial”¹⁹, sendo Alcides Ribeiro Meirelles seu diretor-presidente. Dentre os proprietários do jornal, Nabantino acabou se destacando colaborando para o crescimento da empresa através da introdução de máquinas, o que aumentou de forma grandiosa o seu valor. Em 1951, transforma-se de sociedade Limitada a Sociedade Anônima, com o intuito de incorporar patrimônio.

A direção do advogado José Nabantino Ramos nas *Folhas*, já afinada com a nova estrutura e com as demandas comerciais, redimensionou aspectos do jornal, tanto no aspecto político, quanto gráfico.²⁰

Após a segunda guerra mundial a linguagem da Imprensa transformou-se introduzindo em suas páginas, fotos, ilustrações e charges, manchetes e matérias “cortadas pelo pé”, com um espaço predeterminado, em formato standart. Aliás, as novas tecnologias, segundo Barbero, têm permitido a imprensa escrita a disputar com a televisão, a partir do desenvolvimento das técnicas de desenho que permitem o predomínio da

¹⁸ **NOGUEIRA**, Andréa de Araújo. **As Folhas de Nabantino Ramos**. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/jornal/andreadearaujonogueira.doc>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

¹⁹ Clóvis Queiroga representava Francisco Matarazzo, que, embora naturalizado brasileiro, não poderia legalmente dirigir o jornal. O Conde resolveu investir nas *Folhas* para enfrentar as chantagens de Chateaubriand e seus *Diários*, adquirindo o jornal de uma forma inesperada, sob pressão de Vargas. Coordenando efetivamente o grupo estava José Nabantino Ramos, advogado atuante em Bauru, ligado a Costa Neto, ministro da Justiça do governo de Dutra. Com o correr do tempo, os jornalistas, Meirelles, Queiroga e Nabantino acabam se desvencilhando do papel secundário, definindo suas orientações políticas e com isso, dinamizando a atuação jornalística.

²⁰ **NOGUEIRA**, Andréa de Araújo. **As Folhas de Nabantino Ramos**. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/jornal/andreadearaujonogueira.doc>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

imagem sobre o texto escrito, especialmente nas edições de domingo, nas quais as tiragens são bem maiores do que nos outros dias da semana²¹.

Nabantino teve êxito em sua atuação do jornal até o momento em que começou a encarar o jornal, assim como a sua produção, segundo uma lógica mercadológica²². Criou-se dentro do jornal um clima de descontentamento que levou o advogado Nabantino a vender o jornal.

A marca de Nabantino Ramos ficaria na formação da empresa industrial-burocrática possuindo uma relação de trabalho voltado para o mercado, dessa forma o jornalista era tratado como trabalhador com graus de produtividade conforme sua produção e êxito evidenciada na repercussão da matéria. Os descontentamentos gerados pelo sistema de trabalho abalaram a relação entre Nabantino e os jornalistas crescendo desencadeando a greve de 1961.²³

Em 1962 Octávio Frias de Oliveira compra o jornal de Nabantino Ramos e Caio de Alcântara Machado, em sociedade com Carlos Caldeira Filho. Octávio Frias fica na direção do jornal durante muitos anos²⁴. Em 2006 sofre um acidente doméstico tendo que se submeter a uma cirurgia para remover um hematoma craniano, em 2007 morre aos 94 anos.

O jornal estava deficitário financeiramente. Salvaram a empresa, sendo toda ela reorganizada industrialmente. A Folha de S.Paulo se tornou o maior e um dos mais influentes jornais do Brasil. Um dos seus filhos, Luís Frias, é o atual presidente do conglomerado Folha; o outro, Otavio Frias Filho é o diretor de redação do jornal que a partir de 1992 passa a ser o proprietário unitário da empresa Folha. Aliás, vale ressaltar aqui, que os maiores órgãos de imprensa fazem parte de conglomerados ainda maiores, pois, isto não só aumenta o “seu alcance e, conseqüentemente, sua importância para os

²¹ Distribuição: Nacional. Exemplares: 370.185 (domingo); 299.249 (dias úteis). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/conheca/circulacao.shtml>>. Acesso em: 20 abr. 2009

²² Segundo Barbero alterou-se o sentido dos periódicos, ao inserir e ajustar a empresa periódica às lógicas de qualquer outra empresa comercial, a última cautela de um mínimo de independência na informação tende a desaparecer. **BARBERO**, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

²³ **NOGUEIRA**, Andréa de Araújo. **As Folhas de Nabantino Ramos**. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/jornal/andreadearaujonogueira.doc>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

²⁴ **Octavio Frias de Oliveira** (Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1912 — São Paulo, 29 de abril de 2007) foi um jornalista, editor e empresário brasileiro.)

interesses econômicos privados que o sustentam, assim como o seu papel de “pórtico de entrada” para dar visibilidade social às empresas anunciantes.”²⁵

os maiores órgãos de imprensa são empresas enormes que integram conglomerados ainda maiores. São estreitamente integrados com o nexu Estado-privado que domina a vida econômica e política. Como outras empresas, vendem um produto a um mercado. Seu mercado é composto por outras empresas (anunciantes). O ‘produto’ que vendem é a audiência; no caso da mídia de elite, que estabelece a agenda para as outras, são audiências privilegiadas. (...) O esquema geral consiste em incentivar o debate, mas dentro de um quadro estreito de pressupostos que constituem uma espécie de ‘doutrina oficial’.²⁶

Segundo Lima²⁷, as empresas de mídia são hoje atores econômicos fundamentais como parte de grandes conglomerados empresariais articulados em nível global. Assim, a Folha de São Paulo, se enquadra nesse perfil, como um órgão de imprensa que integra conglomerados maiores, pois, como já citado anteriormente, faz parte do grupo Folha, um conglomerado de empresas de Mídia, incluindo jornais, editoras, gráficas, acesso à Internet e jornalismo em geral, o grupo edita o diário Folha de S.Paulo, o jornal Agora, o maior portal de internet do país, Universo Online (UOL), Instituto Datafolha, a editora Publifolha, a gráfica Plural e o diário econômico *Valor*, em conjunto com as Organizações Globo.

Sobre as pessoas que compõe este jornal, Otavio Frias Filho, Otavinho, diretor da redação, afirma que há um grupo de mais ou menos 30 pessoas que formam a base do jornal. Os principais componentes deste grupo, que juntamente com Otavinho formam a direção da redação, são os dois secretários de redação - Caio Túlio Costa, de 30 anos, e Carlos Eduardo Lins da Silva, de 33 – e o coordenador da Agência Folhas, Dácio Nitri, de 33, o homem encarregado de chefiar os repórteres. Depois destes, que forma o quadro redacional, vêm os editores que são os chefes das diferentes seções de uma publicação.

²⁵ LOPES, N. F. “VIOLÊNCIA URBANA E “CLASSES PERIGOSAS”: a produção de notícias nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia – (1989). (Monografia de conclusão do Curso). Universidade Federal de Uberlândia, 2008, p.26.

²⁶ CHOMSKY, 1997 apud ARBEX, 2001, P. 59-60.

²⁷ LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

Contudo, as peças-chave de jornal são Caio Túlio Costa e Carlos Eduardo Lins da Silva, pois, são eles que decidem o que, como e quando vai ser publicado.

“São eles que, no dia-a-dia, decidem em última instância que espaço terá cada seção do jornal, que assuntos merecem mais destaque e quais são aqueles que vão figurar na primeira página. Com isso vão plasmando um mundo que, ao chegar ao leitor, terá a forma que eles lhe quiseram dar. (...)Caio Túlio e Carlos Eduardo dividem suas tarefas de forma que um, Carlos Eduardo, fica mais encarregado das decisões preparatórias de cada edição e outro, Caio Túlio, cuida do que na imprensa se chama "fechamento"- a hora de efetivamente cuidar da edição e da forma final dos assuntos. Há uma outra divisão, segundo a qual Carlos Eduardo, um professor de comunicações com livros publicados (recentemente ele publicou um trabalho sobre o *Jornal Nacional*, da Rede Globo) e inclinações teóricas, tem certas preocupações permanentes do jornal. Carlos Eduardo elabora todo mês, por exemplo, um relatório sobre o "desempenho da redação" em que faz um minucioso levantamento do comportamento do jornal em face das diretrizes fixadas por sua direção.”²⁸

Em 1974 a Folha passou por uma reformulação, que lhe garantiu a passagem de segunda posição para a primeira, até então ocupada pelo Estado de São Paulo. Tal reformulação foi empreendida por Cláudio Abramo, que estava na Folha desde 1965, depois de ter sido secretário de redação do Estado de São Paulo durante dez anos. Dentre as mudanças, a mais importante foi a abertura do jornal para colaboradores de fora, principalmente da vida acadêmica. O jornal neste momento não tinha muitos recursos, então esta estratégia era a mais barata e viável e também estava em consonância com o momento político brasileiro de abertura, de distensão, do governo Geisel.

Em 1975, como parte da estratégia traçada por Cláudio Abramo, é contratado Paulo Francis como correspondente em Nova York, que ocupa primeiro lugar nas pesquisas internas que o jornal realiza sobre o índice de leitura de seus articulistas²⁹. Em 1982, Luiz Frias, o filho mais novo de Octávio Frias de Oliveira, passa a compor a direção da empresa

²⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/quem_faz.shtml>. Acesso em 20 abr. 2009.

²⁹ Autor de 700 textos por ano, que produz diretamente no telex instalado em seu apartamento de Nova York, Francis trouxe à *Folha* o tom de polêmica inerente ao seu estilo de jornalismo corpo a corpo e um jeito pessoal do qual o leitor dificilmente escapa - para admirá-lo ou ficar com raiva. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/quem_faz.shtml>. Acesso em 20 abr. 2009.

como diretor comercial. No atual quadro da Folha trabalham 162 jornalistas, mais de 189 repórteres e dentre os colunistas destacam-se: Matinas Suzuki Júnior, Petrônio Flávio Escobar França de Andrade, Tavares de Miranda Ruy Castro e Joelmir Beting.

No dia 7 de dezembro de 1981 é lançado o livro *História da Folha de São Paulo (1921-1981)* escrito pelos professores Carlos Guilherme Mota (também colaborador da Folha) e Maria Helena Capelato cujo lançamento foi realizado no Centro de Artes Gráficas da Folha. Tal livro foi editado pela própria Folha e lançado no ano em que a folha completava aniversário.

Ao escrever o livro (editado pela "**Folha**", com 416 páginas e mais um caderno fotográfico a ser vendido a Cr\$ 900), no espaço de pouco menos de um ano, conta o professor Carlos Guilherme Mota - também colaborador do jornal - "pensamos oferecer apenas uma indicação geral da trajetória da "**Folha**", desde sua fundação até os dias atuais", explicação reiterada pela co-autora Maria Helena Capelato. Para quem a obra não teve outro objetivo "além de traçar um perfil sério, realizar um estudo exploratório sobre a vida do jornal, e não simplesmente servir como um marco comemorativo de seu aniversário".³⁰

Na reportagem publicada no dia 8 de dezembro de 1981 referindo-se a tal evento Otávio Frias Filho, secretário do Conselho Editorial da "**Folha**", ressalta que os escritores poderia "ter prescindido do caráter historiográfico nitidamente acadêmico (...) Para Otávio Frias Filho, o livro, apesar de correto, "negligencia o discurso oral, em favor de outro, mais acadêmico. Eu, particularmente, teria colocado uma epígrafe como 'se não é verdade, é bem provável".³¹ Além disso, na reportagem aparece o nome de várias "personalidades" que marcam presença no lançamento do livro, inclusive do meio acadêmico, como por exemplo, Marilena Chauí.

Marilena Chauí, também presente ao lançamento, concorda com a futura jornalista. "Acredito que a notícia bruta não tenha mais lugar na imprensa moderna. A própria diagramação se encarrega de destacar a importância da

³⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/marcos_do_jornalismo.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2009

³¹ Idem.

notícia, desfazendo o caráter de neutralidade que caracterizava alguns jornais antigos.”³²

É perceptível que a história da Folha de São Paulo é indissociável do “PODER” em vários sentidos. Em primeiro lugar ela representa o poder na medida em que se trata de uma mídia, a imprensa periódica, que constitui uma poderosa arma ideológica capaz de moldar consciências através de uma voz legitimada.

Mídia tem um poder na construção da realidade através da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana.(...) Possui poder a mídia pela sua capacidade de produzir e distribuir capital simbólico e se tornaram também atores com interferência direta no processo político.³³

E ainda essa mídia possui um poder por ser a “Folha”, uma empresa que durante a sua história construiu uma imagem de poderosa, de fazer um trabalho sério, capaz de discernir entre o certo e o errado isso, principalmente, porque representa os interesses daqueles que detém o poder, ou se a personagem que ela representa ainda não possui “poder” já passa a tê-lo pelo simples fato por ter sido legitimado por ela. A “Folha” está ligada a grandes personalidades³⁴ que legitima o seu fazer, ao mesmo tempo em que, aquela legitima as ações destes. É uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que, “grandes personalidades” credenciam o trabalho da folha, esta credencia estas personalidades a partir do domínio que possui da linguagem que é consumida geralmente sem questionamentos em razão do poder que possui.

Para os poetas, o poder e discurso se articulam desde a materialidade mesma da linguagem vista como trabalho, potência, transformação, corpo e prazer.

³² Idem.

³³ LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

³⁴ Entre as personalidades presentes ao lançamento do livro com a história da “Folha”, foram ouvidos diversos políticos, economistas, historiadores, cientistas sociais, um jurista, um ex-funcionário do jornal, um publicitário e um arquiteto, incluindo muitos colaboradores. Eles opinaram sobre a obra e a importância da iniciativa. **Dalmo Dallari, José Serra, Mauro Sales, Deusdâ Magalhães Mota, Ricardo Otake, Senador Franco Montoro, Flávio Bierrenbach, Eduardo Suplicy, Francisco Amaral, Oswaldo Mariano, todos estiveram presentes no lançamento do livro “História da Folha de São Paulo (1921 – 1981)**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/80anos/marcos_do_jornalismo.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2009.

Ninguém como os poetas _ poiesis é um fazer – sabe quão prática é a linguagem, a prática de poder que nela habita e que a partir dela se exerce. (...) Isto é, não se trata só de que o poder utilize o discurso como arma, como sofisma, como chantagem, mas de que o discurso faz parte constitutiva dessa trama de violência, de controle e de luta que constitui a prática do poder. (...) A melhor prova disso é que o poder tem reclamado sempre o controle da linguagem e dos discursos. Não há sociedade, por pequena que for, que não regule a produção e a distribuição dos discursos. (...) Não é qualquer um que tem o direito a falar, nem todos podem falar de tudo.³⁵

Além disso, a Folha de S.P. está intrinsecamente ligada ao poder por fazer parte do grupo Folha. O **Grupo Folha** é o segundo maior império de Mídia do País, perdendo somente para a operação massiva das Organizações Globo. O Grupo controla o maior grupo de acesso a Internet da América Latina, **UOL**, que recebe mais do que 10 milhões de acessos por dia. De acordo com o jornal Guardian de Londres, o lucro do Grupo no ano de 2006 foi de aproximadamente 200 milhões de libras.

Companhias reunidas sob o conglomerado do **Grupo Folha**

- **UOL: Universo Online** (Provedor de acesso à Internet e informação *On-line*);
- **Folha de S.Paulo** (Jornal);
 - *Folhateen*;
 - *Forest*;
 - *Informática*;
 - *Equilíbrio*;
 - *Turismo*;
 - *Guia da Folha*;
 - *Folhinha*;
 - *Mais!*
 - *Revista da Folha*;
- **FolhaOnline** (Jornal On-line)
- **Datafolha** (Companhia de pesquisa);
- **Agora** (Jornal);
- **Publifolha** (Editora);
- **BOL** (Provedor de acesso à Internet);
- **Folhapress** (Jornal);
- **Plural** (Editora);
- **Transfolha** (revistas e jornais sobre a indústria de transporte);
- **Valor Econômico** (Jornal de negócios)

³⁵ **BARBERO**, Jesús-Martin. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 70 e 71.

Ligações externas

- Folha Online
- Universo Online

Na análise das características formais da publicação do jornal Folha de S. P., ou seja, para o que Zicman chamou “dentro” do jornal, o estilo de apresentação das matérias e notícias, o quadro redacional (distribuição dos artigos pelas várias colunas e seções do jornal), a publicidade, a parte redacional (principais colunas e seções) e as principais tendências da publicação, percebe-se a sua inserção nas transformações tecnológicas.

A cultura da imagem e do imediatismo na qual vivemos transforma a própria confecção das matérias com títulos enormes, ilustração abundante e textos condensados. A inserção da imprensa nas aceleradas transformações tecnológicas dos últimos anos ameaça a especificidade da Imprensa periódica escrita. Segundo Laura Antunes Maciel, os jornais têm se adaptado ao seu público que não pode esperar e não dispõe de tempo para uma deglutição longa e uma digestão demorada. Por isso, o texto jornalístico torna-se mais enxuto, sintético, com a utilização de grandes títulos e subtítulos para simplificar a leitura³⁶.

Afinal, afirma Hora, “um bom título é tudo; a notícia quase nada. [...] Com duzentas linhas de composição, um título, dois subtítulos e dos clichês [...] os secretários de jornais armam uma página incisiva” que poderia até render uma edição extra.³⁷

Tais características são semelhantes em diversos jornais, inclusive, na própria Folha, principalmente esta adaptação da imprensa jornalística a cultura da imagem possibilita o aumento do público leitor³⁸.

³⁶ **MACIEL**, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; Koury, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2005.

³⁷ Idem, p. 30.

³⁸ Segundo Barbero, um outro ponto das relações entre imprensa e inovação tecnológica se acha na edição eletrônica dos principais periódicos e revistas de cada país. (Nesse sentido, a Folha se encontra inclusa dentre esses periódicos, pois, possui a Folha online, na qual disponibiliza na Internet o seu jornal). Isto possibilita a

Fica-se sabendo, por exemplo, que um dos objetivos do jornal é publicar mais fotos, mapas e gráficos, dentro do plano de reforçar "a informação em seu aspecto visual". No relatório de julho, Carlos Eduardo notava que tinha havido progressos nesse sentido - haviam sido publicados 598 gráficos durante o mês, contra 358 no mês anterior, e 85 mapas, contra 62. Quanto às fotos, a média diária, em julho, foi de 48,4 contra 47,6 em junho - um avanço, notou Carlos Eduardo, "embora não no nível desejado".³⁹

A entrada do computador e as novas tecnologias de desenho, de acordo com Barbero, estiveram antes de tudo possibilitando a imprensa escrita a competir com a televisão: o predomínio da imagem sobre o texto escrito e a brevidade dos artigos com tendência a ser cada vez mais curtos e mais fáceis de digerir, entender. Além disso, o avanço da tecnologia está intrinsecamente ligada a produção, quantidade e qualidade dos jornais⁴⁰. A Folha de S. P. apresenta todas estas características, é perceptível o predomínio das imagens, dos títulos em letras garrafais, e até mesmo a importância dos subtítulos determinando, juntamente com as imagens, de antemão uma pré-leitura do texto que se segue. Tais características são ainda mais intensas nas edições de domingo no qual o público leitor alvo é maior, daí decorre a necessidade de que o jornal se torne mais atraente e de mais fácil deglutição⁴¹.

De acordo com a autora Zicman, o jornal pode ser qualificado dentre três tipos de imprensa. A *Imprensa Quotidiana*, que é aquele tradicional “jornal de opinião”; a

multiplicação dos leitores, tanto dentro como fora do país e a multiplicação de modos de leitura, o que estaria replantando a oposição maniqueísta entre o mundo da escrita e da imagem, assim como, a crença em um só e tipográfico modo de leitura. **BARBERO**, Jesus-Martín. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

³⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/circulacao.shtml>>. Acesso em 20 abr. 2009.

⁴⁰ Em 1967, inicia a modernização de seu parque gráfico, tornou-se no primeiro jornal impresso em offset do Brasil. Na década de 70, inicia a impressão na rotativa metro-offset, recém lançada nos EUA. Em 1974, todo o jornal passa a ser feito em fotocomposição. Na década de 80, assumiu a liderança em circulação no país; em 1983, é o primeiro jornal da América do Sul a informatizar a sua redação. A informatização diminuiu em 40 minutos o processo de produção e fechamento do jornal. Em 1992, Octávio Frias passa a ser o proprietário unitário da empresa Folha, a página do jornal passa a ser impressa colorida todos os dias e são lançados o Caderno Mais e a Revista da Folha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/cadernos_diarios.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2009.

⁴¹ O Jornal Folha de São Paulo possui uma circulação média em dias úteis de 300 mil exemplares e 370 mil aos domingos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/circulacao.shtml>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

Imprensa de Informação, que nega as características políticas e ideológicas tão marcantes na imprensa e por fim a *Imprensa Sensacionalista Popular*, que se enquadra na cultura da violência e dramatização do cotidiano. A Folha de S. P. se encaixa na Imprensa de Informação se auto-intitulando como um jornal sério que busca, sobretudo informar através de um discurso de uma suposta objetividade. Ora, sabe-se que há muitas verdades em lutas nos diferentes campos de existência e ao mostrar uma determinada verdade o jornal não se mostra objetivo e sim subjetivo. Dessa forma, a atividade jornalística torna-se perigosa porque aparece vinculada a verdade. Deu na televisão, saiu no jornal, ninguém discute. Isto porque o discurso jornalístico sempre aparece acoplado a idéia de neutralidade, imparcialidade com o intuito apenas de informar. Esta imagem foi construída pela própria imprensa e em conjunto por aqueles que têm interesses que acreditemos no discurso imparcial jornalístico. Tal imagem é a que os jornais primam, buscam enfatizar no seu fazer e, é a mesma, interiorizada por nós leitores⁴². Otavio Frias Filho, proprietário e diretor de redação do jornal Folha de S. P. afirma que "A *Folha* procura um jornalismo crítico, apartidário, moderno e pluralista", que isso a faz diferente de seu principal concorrente *O Estado de S. Paulo*, de nítido perfil senhorial e auto-suficiente, além de anticomunista até a raiz dos cabelos. Também não prima por uma apresentação atraente e ordenada como a do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Tampouco exhibe a força popular, ultimamente mesclada com a procura de um público mais qualificado, de *O Globo*, também do Rio.

⁴² McQuail sintetiza as diferentes formas de percepções dos papéis da mediação nas seguintes formas:

- Como uma *janela* sobre os acontecimentos e a experiência, que alarga a nossa visão, permitindo-nos ver o que acontece, sem interferência de outros;
- Como um *espelho* dos acontecimentos da sociedade e do mundo, implicando reflexão verdadeira (embora com inversão e possível distorção da imagem), apesar do ângulo e a direção do espelho serem decididos por outros, e nós sermos menos livres para ver o que queremos;
- Como um *filtro* ou *porteiro*, atuando para selecionar partes da experiência e dar atenção especial ou fechando as outras imagens e vozes, deliberadamente ou não; como um sinal, um guia ou um intérprete, mostrando o caminho e dando sentido ao que, de outra forma, seria confuso ou fragmentário;
- Como um *fórum* ou *plataforma* para a apresentação de informação e de idéias a uma audiência, muitas vezes com possibilidades de resposta e retroação;
- Como um *interlocutor* ou *parceiro*, que não só passa informação, mas responde a questões de maneira quase interativa.

Essas versões do processo de mediação refletem, contudo, diferenças de interpretação sobre o papel da mídia nos processos sociais e podem variar em duas dimensões: abertura *versus* controle, neutralidade *versus* intervenção ativamente participante. In: VITORIO, Benalva da Silva. **Imigração brasileira em Portugal: identidade e perspectivas**. Santos, 2007, p. 22.

A postura de uma suposta “indefinição política” que a Folha tanto presa é algo presente não só no fazer jornalístico, mas em quase todos os setores da sociedade. Na política, por exemplo, os partidos procuram se associar à imagem de centro, pois, quando se conquista este lugar se alcança o sucesso, o poder, pois, dessa forma, é possível ter uma amplitude maior, em outras palavras, mais eleitores. Assim acontece com o fazer jornalístico, quanto mais se mostram indefinidos, “em cima do muro”, maior será o seu público leitor, que tanto valorizam a informação livre de ideologias, de política, condizente com o discurso de liberdade de expressão. A partir do qual as pessoas têm o direito de formarem suas próprias opiniões livres de influências.

Buscando fazer jornais menos opinativos e mais informativos, imparciais e objetivos os jornais diários desenvolveram uma nova escrita jornalística por meio de recursos sintáticos – predomínio de construções passivas, uso de frases impessoais, emprego de verbos na terceira pessoa – e da utilização proposital de indefinições, de opiniões que construam a imagem de um consenso e a ênfase em valores morais de modo a construir uma escrita neutra e objetiva, fórmulas que muito mais tarde norteariam todos os manuais de estilo e redação dos jornais contemporâneos.⁴³

Contudo, como já observado, mesmo que o jornal construa a partir de estratégias a imagem de neutralidade e imparcialidade, este intuito é impossível de se realizar, o jornal ao informar dá forma. Nada na sua produção é casual, a escolha das palavras, imagens, associações, cronologia, tudo corrobora para uma dada construção que obedece a interesses, instituindo assim uma memória que cria novas realidades sociais em consonância com os objetivos do jornal.

Buscando obter mais informações sobre o jornal Folha de São Paulo que ajudassem a construir um “quadro” sobre quem é a Folha, e ainda preocupada em descobrir os marcos instituídos pela folha sobre o seu fazer jornalístico durante, principalmente, no período histórico em que analiso – dos anos 90 até os dias de hoje, solicitei a própria Folha informações através de um e-mail disponível no site da Folha Online. Dessa forma, obtive

⁴³ **MACIEL**, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; Koury, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2005, p. 30.

uma série de informações que me foram enviadas via e-mail, porém, eram informações que já estavam disponíveis no site da Folha Online, numa página intitulada “Tudo sobre Folha – 80 anos”⁴⁴.

Mesmo que minha pesquisa se inicie nos anos 90 considero importante salientar sobre o projeto editorial que a Folha lança em 1981 na qual ela define o tipo de jornal que representa. Neste projeto afirma que o principal objetivo do jornal se centra em três premissas: informação correta, interpretação competente e pluralidade de opiniões.

Por informação correta entende-se a descrição de tudo aquilo capaz de afetar a vida e os interesses que se acredita serem os dos leitores. Essa descrição é realizada na forma mais sintética, despojada e distanciada possível (embora seja quase sempre impossível atingir a neutralidade absoluta. Ao contrário, isso é raramente factível. Existem, na realidade, descrições mais neutras, ou seja, mais objetivas que outras; de onde se deduz que a neutralidade é uma quimera, mas aproximar-se de neutralidade não é). Por interpretações competentes a respeito dos fatos entendem-se os comentários e análises redigidos por profissionais que, conforme os critérios adotados pelo jornal, aliam o domínio sobre uma determinada área do conhecimento ou da atividade humana ao domínio sobre a técnica de escrever, combinando em seus textos ambas as habilidades. Por pluralidade de opiniões sobre os fatos entende-se a publicação de textos, artigos, depoimentos, entrevistas etc. que, tomadas em seu conjunto, funcionem como uma reprodução mais ou menos fiel da forma pela qual as opiniões existem e se distribuem no interior da sociedade.⁴⁵

Ao auto definirem-se, ressaltam que não é possível fazer um jornal neutro, como foi possível observar acima, e que mesmo que a Folha não desrespeite as outras opiniões, ela mesma possui os seus próprios posicionamentos. Ou seja, neste momento ela, a Folha, está negando uma possível imagem de neutra e se afirmando como participativa dos fatos da sociedade através da interpretação que faz e corrobora para um certo papel que

⁴⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/campanhas_publicitarias.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2009

⁴⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/campanhas_publicitarias.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2009.

o jornal desempenha na sociedade⁴⁶. Ora, mesmo que neste momento, a Folha assuma a impossibilidade de neutralidade, ela continua legitimando e justificando o seu fazer quando afirma que é um jornal e este tem um papel a desempenhar, e ao fazê-lo pensa no que é mais significativo para a sociedade. Tal concepção vai ao encontro daquela já citada acima neste trabalho, saiu no jornal é verdade, mesmo que não seja negado pelos próprios veículos que não é uma verdade absoluta, mas fruto de uma interpretação. Assim, predomina aquela imagem de que o jornalismo tem como função primordial informar e, ainda, denunciando as patologias da sociedade, como um agente incumbido de fazer um raio-x de todas as mazelas da sociedade para nós leitores. Segundo Lima, o jornalismo como profissão, no final do século XIX, se constitui como um *ethos* profissional que considerava os jornalistas com a responsabilidade moral de erradicar o mal e mostrar as enfermidades sociais. Jornalistas têm uma imagem de si mesmos de mandatários da missão de fiscalizar os governos e denunciar publicamente seus desvios⁴⁷.

Continuando dentro dessa mesma perspectiva, dos projetos editoriais da Folha, em 1985, devido ao período de redemocratização brasileira, pós-ditadura, ela traça novos rumos. Segundo a Folha, o novo período exigia que o jornal se adaptasse as novas demandas, enfatizando a imagem do jornal como apartidário preocupando-se, sobretudo com a informação, mostrando fatos documentados e incontestáveis, esta seria o que a Folha chama de “*Marca da Folha*”. A preocupação de ser “pluralista” articulava-se a uma preocupação mercadológica no intuito de atingir um público mais amplo, agradando gregos e troianos. E ainda, que se tornasse um produto altamente consumido, requerido por todos, imprescindível na vida do leitor. Além disso, de acordo com a Folha, era preciso que o seu fazer se tornasse mais industrial, ou seja, mais rápido e eficiente.

O jornal precisa ser apartidário porque a base de leitores é pluripartidária. Vamos atravessar um período eleitoral em que esse distanciamento crítico da **Folha** em relação a partidos e candidatos tem de ser reforçado. Críticas a essa atitude não nos devem impressionar: ao contrário, a quantidade delas ao longo

⁴⁶ É necessário que o jornal, sem discriminar opiniões diversas das que adota (e, ao contrário, estimulando polêmicas com elas), tenha as suas próprias convicções sobre os fatos e os problemas. Elas é que transformam o jornal em um ser ativo, com uma identidade visível e um certo papel a desempenhar. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/campanhas_publicitarias.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2009.

⁴⁷ LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

das campanhas eleitorais será a melhor evidência de que estaremos desenvolvendo uma atuação de fato crítica e apartidária. (...) O jornalismo não é mais artesanato, mas uma atividade industrial que reivindica método, planejamento, organização e controle. Já avançamos bastante nessa direção, mas ainda há muito o que fazer.⁴⁸

Dentro ainda da mesma preocupação de trazer um jornal de qualidade, que seja preferência entre os leitores, e o mais importante, que esteja em consonância com o aquilo que a Folha elege como a “Marca da Folha”, em outras palavras, que os sujeitos que participam da produção deste jornal, produzam de acordo com um padrão que foi estabelecido por aqueles que se encontram à frente da sua direção⁴⁹, foi criado o Manual Geral da Redação.

A fim de traduzir em normas a sua concepção de jornalismo, a Folha criou em 1984 o Manual Geral da Redação. O texto não se limitava a impor regras gramaticais e padronizar a linguagem. Dava ao jornalista noções de produção gráfica, definia conceitos e servia como base para discussões no dia-a-dia da Redação. Esse manual teve uma segunda edição, revista e ampliada, em 1987. Em 1992, a Folha editou o Novo Manual da Redação e, em 2001, o Manual da Redação que está em vigor até hoje.⁵⁰

A Folha em parceria com a W/Brasil, a terceira maior agência de propaganda do país, inicia uma série de campanhas publicitárias em 1987 que rendem muitos prêmios, inclusive o Leão de Ouro no Festival de Cannes. A Folha atribui grande parte do seu sucesso aos seus comerciais de grande impacto⁵¹. Outras empresas publicitárias também

⁴⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/campanhas_publicitarias.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2009.

⁴⁹ A atual direção da Folha é composta por: **Presidente:** Luiz Frias; **Diretor Editorial:** Otavio Frias Filho; **Superintendentes:** Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito; **Editores-executivos:** Eleonora de Lucena. **Conselho Editorial:** Rogério Cezar de Cerqueira Leite, Marcelo Coelho, Janio de Freitas, Gilberto Dimenstein, Clóvis Rossi, Carlos Heitor Cony, Celso Pinto, Antonio Manuel Teixeira Mendes, Luiz Frias e Otavio Frias Filho (secretário). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/quem_faz.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2009.

⁵⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/quem_faz.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2009.

⁵¹ Quem viu não esquece. Um pequeno ponto preto aparecia na tela da TV; em alguns segundos, centenas de outros pontos formavam um retrato em branco e preto. Era Hitler, o ditador nazista alemão. A voz falava de suas proezas: "Este homem pegou uma nação destruída, recuperou sua economia e devolveu o orgulho a seu povo...". O comercial, de forte conteúdo político, terminava assim: "É possível contar um monte de mentiras

estiveram em associação com o jornal, a DM9 também trabalhou por um longo período com a Folha, cuidando do marketing publicitário. Essa tarefa, assim como o marketing de circulação, que envolve produtos agregados ao jornal, como CDs e enciclopédias, esteve até o final de 2000 com a agência Registrada, que pertence à holding Praxis, que também controla a W/Brasil. A partir de 2001, a agência Lew Lara assumiu essa parte da conta publicitária da Folha.

No ano de 1986 a Folha, no seu projeto editorial, traz as possíveis razões por estar em primeiro lugar nas vendas de jornais no Brasil. Atribui tal sucesso primeiramente por ser um jornal informativo, que oferece informações exclusivas que podem ser comprovadas. É preciso que o jornal seja um produto de extrema qualidade para ser preferência entre os leitores. Ora, mesmo que o jornal insista na imagem de um jornal informativo, apartidário, que busca informar antes de tudo de forma neutra, ao se assumir como um produto, já entra em contradição com tal afirmação. Pois, todo produto é produzido e se é produzido é feito obedecendo a determinados critérios.

Outro aspecto o qual a Folha atribui a sua posição deve-se a sua forma de contratação, as contratações são feitas por concurso público e exame de banca. A diminuição de rotatividade de funcionários, o fato de seus funcionários receberem um salário acima da média do mercado, segundo o jornal, é importante para que os funcionários estejam satisfeitos e assim, produzam melhor.

Sobre a composição do jornal, ou seja, a distribuição interna dos cadernos eles dividem-se em diários, aqueles que circulam diariamente, e os suplementos, que circulam em dias específicos. Os cadernos diários são: Folha Brasil (apresenta, sobretudo notícias sobre política); Folha Ciência (editoria voltada para as novidades no mundo da ciência, últimas descobertas e pesquisas mais recentes e importantes no Brasil e no mundo, caracterizado pelo uso de muitos recursos visuais para explicar assuntos complexos); Folha Cotidiano (oferece informações relacionadas ao direito do consumidor, educação, trânsito, saúde e meteorologia); Folha Dinheiro (traz notícias do mundo da economia, principalmente negócios, tanto no âmbito brasileiro como internacional); Folha Esporte (de

dizendo só a verdade. Por isso é preciso tomar muito cuidado com a informação no jornal que você recebe. **Folha de S.Paulo**, o jornal que mais se compra e o que nunca se vende". Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/campanhas_publicitarias.shtml>. Acesso em 20 abr. 2009.

acordo com a própria Folha trata-se de um caderno que aborda o assunto de forma diferenciada, “além de acompanhar os principais campeonatos, traz assuntos relacionados a política, marketing, legislação e moda. Foi o primeiro a usar estatísticas, preparadas pelo Datafolha, na análise esportiva”⁵²); Folha Ilustrada (editoria ligada a cultura e entretenimento); Folha Mundo (principais notícias internacionais).

Quanto aos cadernos complementares, ou seja, aqueles que não circulam diariamente tem-se: Folha Informática (circula as quartas-feiras trazendo informações sobre internet e computadores); Folha Equilíbrio (circula as quintas-feiras, editoria dedicada à saúde e qualidade de vida); Folha Turismo (circula as quintas-feiras, traz os principais destinos do Brasil e do mundo); Folhinha (circula aos sábados, editoria voltada as crianças trazendo seus personagens preferidos, quadrinhos, passatempos, brincadeiras e promoções); Fohateen (circula as segundas-feiras, dedicada aos interesses dos adolescentes com música, cultura, ensino, comportamento e sexo); Mais (circula aos domingos, voltada ao público que procura literatura, sociologia, filosofia e artes); Revista da Folha (circula aos domingo somente na grande São Paulo. É uma revista semanal de moda, decoração, família, comportamento, atualidades e consumo); Folha Veículos (circula aos domingos, oferece informações sobre venda, compra e manutenção de carros); Folha Construção (circula aos domingos, traz dicas sobre materiais e técnicas construtivas); Empregos (circula aos domingos, oferece informações sobre oportunidades de trabalho como também de se qualificar melhor afim de aumentar as chances no mercado de trabalho dando dicas desde o feitiço do currículo até informações sobre bolsas de estudo); Folha Negócios (circula aos domingos trazendo instruções para aqueles que querem adentrar no mundo dos negócios deixando o leitor, segundo a Folha, atualizado das tendências do mercado); Folha Imóveis (circula aos domingos, voltado não somente ao público que procura da casa própria como também aqueles que desejam todas as informações ligadas a este mercado); Guia da Folha (circula às sextas-feiras na região da Grande São Paulo trazendo a programação de cultura e entretenimento da região); e por fim a Revista Moda (revista trimestral traz reportagens sobre os desfiles brasileiros e internacionais e apresenta as principais tendências em moda, beleza e assessórios.

⁵² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/cadernos_diarios.shtml>. Acesso em: 20 de abr. 2009.

Por fim, o último aspecto a ser analisado neste capítulo diz respeito ao que Zicman chama “o *“em frente” do jornal diz respeito à audiência da publicação ou ainda seu público-leitor alvo*”⁵³. Segundo informações disponibilizadas pela Folha de São Paulo no site Folha Online, o perfil do seu público-leitor é de pessoas maduras com nível de escolaridade consideravelmente alto e com grande poder aquisitivo.

O leitor típico da **Folha** tem 40 anos e um alto padrão de renda e de escolaridade. Se uma pessoa for escolhida ao acaso no universo de leitores do jornal, a probabilidade de que seja homem é idêntica à de que seja mulher. Sua faixa etária estará no intervalo que vai de 30 a 49 anos (a idade média é 40,3). Além disso, esse leitor-síntese teria formação superior, seria casado, estaria empregado no setor formal da economia, teria renda individual na faixa que vai até 15 salários mínimos (R\$ 2.265) e familiar na que ultrapassa os 30 mínimos (R\$ 4.530). Faria parte ou da classe A ou da B. Seria católico, possuiria TV por assinatura e utilizaria a Internet. Esses são resultados preliminares da versão 2000 da pesquisa 'Perfil do Leitor' do Datafolha.⁵⁴

A partir dessas informações do seu público a Folha coloca-se como um jornal de elite o qual pessoas pertencentes a essa elite lêem. Entretanto, mesmo a Folha de São Paulo sendo um jornal de valor um pouco maior que os outros jornais, isso não quer dizer que apenas a elite tenha o hábito de lê-lo. Sendo assim, interpreto que a sua definição desse público leitor almeja construir uma imagem de um jornal elitizado que busca assumir um *status*, ao mesmo tempo em que, funciona como uma estratégia que busca legitimar o seu consumo. Em outras palavras, aquele leitor que objetiva se enquadrar a tal público, ou seja, ser reconhecido pelo menos em uma das características que definem este perfil _ maduro, culto e rico _ vai consumir o jornal porque sabe que a folha é um jornal de status, ou melhor, que construiu uma memória de si mesmo como sendo um jornal de elite em todos os sentidos, não só em termos de qualidade como também aos que têm acesso a ele. Além disso, vejo a divulgação desse perfil do seu público-leitor como altamente discriminatória, pois, grande maioria dos brasileiros não ganha esse salário de R\$ 2.265, contudo,

⁵³ ZICMAN, Renée Barata. 4º parte: artigos: Historia através da imprensa – algumas considerações metodológicas. IN: Revista **Projeto História**. (Programação de Estudos Pós-Graduados e Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, Educ, 1981, p. 92.

⁵⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/quem_faz.shtml>. Acesso em 20 abr. 2009.

reconheço esta atitude, como já mencionado anteriormente, como uma estratégia que busca alcançar um público que pretende se identificar com tal perfil, seria uma forma de se “ascender socialmente”.

Destarte as análises destas características feitas sobre o jornal foram importantes e indispensáveis para a percepção, juntamente com a leitura das reportagens, dos possíveis sentidos que a Folha está atribuindo à imigração, tema que irei tratar no segundo capítulo.

CAPÍTULO II

Brasileiros no exterior: ‘Estranhos no Paraíso’. Uma memória instituída ‘dos sem lugar’.

Nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetos e não o oposto. (Marc Bloch)

Antes mesmo de adentrar nas problemáticas que reservei para este capítulo acho relevante colocar aqui sobre a minha dificuldade em reconhecer o jornal como uma evidência histórica. A princípio via o jornal como prova irrefutável daquilo que já havia construído como sendo o processo de imigração. Dessa forma, o jornal serviria apenas para legitimar sobre a minha noção do processo de imigração. Somente após as leituras de autores que falavam sobre o uso da Imprensa como fonte e na leitura das notícias do jornal selecionadas para este trabalho e sobretudo, nas discussões com a minha orientadora, que pude redirecionar a minha investigação e reconhecer o jornal como evidência histórica para posteriormente através de um diálogo-problematizador transformá-lo em fonte.

(...) o fato histórico não é um fato “positivo”, mas o produto de uma construção ativa de sua parte para transformar a fonte em documento e, em seguida, constituir esses documentos, esses fatos históricos, em problema.⁵⁵

Em outras palavras, inicialmente compreendia as notícias como sendo meras informações despolitizadas, sem intencionalidade, e não como evidências históricas da ação deste agente, a Folha de São Paulo, como produtor de uma memória, ou melhor, como vestígios das ações no modo como o jornal constrói uma dada memória sobre a imigração. É isto que busco trabalhar neste capítulo. A partir do diálogo com a minha fonte busco

⁵⁵ **BLOCH**, Marc Leopold Benjamin, 1886-1994. **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 19.

encontrar/ descobrir os possíveis sentidos que esse agente social está dando ao assunto imigração.

Como já mencionado, as dificuldades em encontrar um acervo, seja particular ou público, que disponibilizasse para a pesquisa todos os exemplares da Folha publicados desde os anos noventa e o próprio limite do tempo para procurar todas as reportagens referentes a imigração de brasileiros para o exterior, fizeram-me recorrer a um serviço que a própria folha oferece mediante pagamento. Desde 1994 a Folha criou um acervo digitalizado através do qual disponibiliza todas as suas reportagens que são organizadas através do tema _ todas as reportagens que me foram enviadas encontram-se numa pasta intitulada: BRASILEIROS NO EXTERIOR. Como o acervo digitalizado iniciou-se a partir de 1994, as reportagens de 1990 até 1993 foram xerocadas e enviadas pelo correio.

A folha justifica a criação do acervo digital em 1994 como uma necessidade em se adaptar as novas demandas que estão cada vez mais associadas ao mundo eletrônico, a Internet.

A decisão de atuar em outros mercados surgiu há seis anos. A empresa concluiu que esse é o único caminho para continuar a crescer e até para manter a liderança no ramo de jornais. Diversificar virou a chave da estratégia.(...) A Internet prepara as empresas para a perda de importância das áreas industriais tradicionais. (...) Associar a venda de conteúdo com a oferta digital não permite apenas que as empresas expandam sua participação no mercado. Também é uma estratégia para manter a clientela atual.⁵⁶

Quanto ao recorte cronológico que trabalho, inicia nos anos noventa, especificamente no dia 10 de maio de 1990, que é a primeira reportagem que possuo até o dia 16 de janeiro de 2008, que é a ultima reportagem, contabilizando um total de 178 reportagens que tratam da imigração de brasileiros para o exterior.

⁵⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/linha_editorial.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2009.

A busca pelos possíveis sentidos que a Folha estava atribuindo ao assunto imigração foi uma tarefa extremamente complexa em função dos vários elementos que podem ser analisados. A disposição das reportagens nos espaços segregados dentro do jornal, os títulos das reportagens, o tamanho delas, o tratamento do mesmo assunto em várias partes do jornal do mesmo dia _ assim como vários outros aspectos a serem considerados _ revelam a memória que a Folha de São Paulo constrói sobre aqueles que saem do Brasil. Desta forma, reservo a este capítulo a análise do conteúdo que abarca os métodos para a desocultação dos discursos jornalísticos. Dentre os métodos privilegia-se no caso da imprensa três aspectos: presença ou ausência de unidades-temas, frequência do aparecimento dos temas nos artigos e por fim a orientação ou tonalidade do jornal referente ao tema.

Mesmo tendo contato com as reportagens que foram produzidas a partir dos anos 90 foi possível observar através da própria leitura das reportagens que houve uma mudança do fluxo desse processo imigratório a partir dos anos 80, que é quando o Brasil passa da categoria de receptor para a de fornecedor. A partir da leitura das reportagens os motivos atribuídos a essa inversão de fluxo é a crise econômica e política na América Latina. E essa justificativa é observada frequentemente nas reportagens em vários momentos.

***Título: Brasileiros se adaptam melhor aos EUA.*⁵⁷**

As péssimas e parcas estimativas existentes indicam que de 1 a 2,5 milhões de brasileiros deixaram o país a partir da crise econômica dos anos 80. Para a grande pergunta _ quantos voltarão e quantos permanecerão fora?_, os sociólogos reunidos ontem no último dia da reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência ainda não têm respostas definitivas. Mas tudo indica que por algum tempo o fenômeno vai se caracterizar por uma “circularidade”. Ou seja, os emigrantes vão e voltam, ao capricho de necessidades econômicas. (...)

***Título: Gente invisível.*⁵⁸**

⁵⁷ BRASILEIROS se adaptam melhor aos EUA. Jornal Folha de São Paulo, Jul 13, 1996. Cotidiano, p. 3-5. Banco de Dados Folha.

O censo norte-americano de 1990 registrou a presença de 94 mil brasileiros nos Estados Unidos. Mas a cifra verdadeira, que também leva em conta a imigração clandestina, pode ser de três a quatro vezes maior.

Maxine Margolis, que esteve há dez dias em São Paulo, é a única acadêmica que se especializou nessa comunidade. Antropóloga na Universidade da Flórida, ela é a autora de “Little Brasil – Imigrantes Brasileiros em Nova York”, lançado pela Papirus. As 452 páginas de seu trabalho, baseado em cerca de 250 entrevistas, têm entre suas conclusões um paradoxo: os imigrantes brasileiros estão longe de uma identidade política e econômica compatível com seu peso numérico. Há, ao menos, duas razões para isso. De um lado, a imigração é recente, acentuada a partir de meados dos anos 80. De outro, os brasileiros não fincam raízes porque se concebem como imigrantes permanentes. Eles têm quase-monopólio de duas profissões na região de Nova York: engraxates e dançarinas de casas noturnas. (...)

Título: Da imigração à emigração⁵⁹

Nos últimos anos, diante da instabilidade político-econômica, muitos brasileiros têm deixado o país à procura de emprego. Para alguns a mudança é definitiva, mas a maioria pretende melhorar de vida e retornar. Se hoje o caso dos dekassegus no Japão e de brasileiros _clandestinos ou não_ nos EUA e Europa ocupa espaço nos jornais, no século passado e no início deste foi diferente: o Brasil era grande pólo de atração populacional. (...)

Título: Fila de imigrantes ilegais reflete crise na AL⁶⁰

O melhor termômetro da crise brasileira está a quase quatro mil Km do país e atinge, diariamente 500 metros: trata-se da fila de imigrantes ilegais, que tentam regularizar a sua situação junto as autoridades dos Estados Unidos. (...)

Ao lado de porto-riquenhos, hindus, cubanos, os brasileiros ainda são minoria. Mas todas as 50 mil pessoas que passam anualmente pela fila têm

⁵⁸ GENTE invisível. Jornal Folha de São Paulo, Jul 16, 1995. Mais!, p. 5-8. Banco de Dados Folha.

⁵⁹ DA imigração à emigração. Jornal Folha de São Paulo, 10 dez, 1999. FOVEST, p. 5-7. Banco de Dados Folha.

⁶⁰ FILA de imigrantes ilegais reflete crise na AL. Jornal Folha de São Paulo, 28 out, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

quesitos em comum: tentam fugir da crise econômica em seus países, reinventando seu projeto de vida a partir dos Estados Unidos, custe o que custar. “ O preço é alto, mas vale a pena. Nunca mais volto para o Brasil, pelo menos aqui consigo fazer um pé-de-meia”, disse o carioca André Luis Fortes, 34. (...)

Segundo Hector Guerra, do serviço de Imigração, a fila tende a aumentar, numa média de 20% a cada seis meses. Os motivos são atribuídos à crise econômica e política na América Latina. (...)

Título: Brasileiros felizes estão no país só de passagem e fogem logo após as festas. “Estranhos no paraíso” do Primeiro Mundo querem distância do baixo astral da recessão.⁶¹

Em meio à crise depressiva que atinge o país, um local concentra uma das maiores taxas de felicidade por metro quadrado: o aeroporto internacional de Cumbica. Os que preferiram ser “estranhos no paraíso” do Primeiro Mundo a padecer no inferno recessivo voltam ao país só para as festas de fim de ano. Com as malas cheias de dólares, eles reencontram famílias das quais se afastaram por meses – às vezes anos. Precavidos, mantêm um pé nas filas de embarque dos vôos internacionais. (...) “Quem está aqui e pode ir para o exterior está perdendo tempo. Quem vai para o Japão só diz uma coisa: o Brasil está ruim.” Liliane Akamine, que está no Japão um ano e sete meses.

Através da leitura dos trechos das reportagens acima é possível apreender um primeiro sentido que a Folha está atribuindo à imigração que é o econômico, ou seja, os que vão para fora estão fugindo da crise econômica-política brasileira e na expectativa de se recuperarem lá fora, conseguir lá o que não se consegue aqui. Dentro daquela mesma perspectiva de um jornal informativo e neutro usa de vozes legitimadas na afirmação desse sentido econômico que está atribuindo a imigração, seja de estudiosos da área ou através de depoimentos dos próprios imigrantes.

⁶¹ BRASILEIROS felizes estão no país só de passagem e fogem logo após as festas. Jornal Folha de São Paulo, 1 jan, 1992. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

A própria leitura do título⁶² da reportagem já condiciona um olhar, uma pré-leitura antes mesmo da leitura da reportagem e revela sobre a interpretação que a Folha está construindo. O título da última reportagem acima, por exemplo, *Brasileiros felizes estão no país só de passagem e fogem logo após as festas. “Estranhos no paraíso” do Primeiro Mundo querem distância do baixo astral da recessão*, traz vários elementos a partir dos quais é possível apreender o discurso jornalístico, ou melhor, sobre os sentidos que estão sendo construídos pela Folha sobre a imigração, antes mesmo da leitura da reportagem.

O primeiro elemento que é possível perceber no título é aquele já referido, ou seja, a justificativa para a ida de brasileiros para fora é a crise econômica, a fuga da recessão. Aliás, esta, a recessão, passa a ser um marco instituído pela Folha para a explicação da ida de brasileiros para fora, sobretudo, nos anos de 90, 91 e 92. Tal época é apontada pelo jornal como difícil, de muita inflação, o governo atrasava os pagamentos dos funcionários, enfim, de uma crise econômica e política geral. O sentido que é construído, ‘o de fugir’⁶³, pode ser pensado como significando o não direito das pessoas irem para lá, afinal, ‘fugir’ carrega um sentido pejorativo, é como se os trabalhadores estivessem se retirando apressadamente, de forma desorganizada (sem um consentimento prévio de quem recebe). Entretanto, a forma pela qual a Folha coloca essa fuga nas reportagens, acompanhada por oportunidades de trabalho, possibilidade de enriquecer-se, acaba por transformar a negatividade presente no verbo fugir, para algo positivo.

Nesse sentido, a atenção dada ao assunto imigração, neste período, pelo periódico é massificante, especialmente no ano de 1991, no qual houve o maior número de reportagens publicadas tratando sobre a imigração de brasileiros, contabilizando um total de 21 reportagens, enquanto nos anos 90 e 92 foram publicadas duas reportagens em cada ano.

⁶² Os títulos das reportagens já direcionam uma pré-leitura antes mesmo de lê-las e revela os pontos que a Folha considera como relevantes através da sua presença já nos títulos ou até mesmo as ausências que muitas vezes são mais importantes do que a própria presença. Os títulos das reportagens são muito importantes porque é através da leitura prévia deles que escolhemos se vamos ler a reportagem inteira ou não. Por isso, é necessário já dizer logo o que se quer no título. Além disso, a sociedade imediata na qual vivemos alterou a forma de leitura, que se faz hoje através de uma deglutição mais rápida, por isso, as reportagens têm trazido títulos cada vez maiores com textos cada vez menores e acoplados a imagens.

⁶³ Entre os significados do verbo fugir estão: 1. Retirar-se apressadamente para escapar a alguém ou algo; abalar; bater em retirada. 2. Escapular(-se); soltar-se. 3. Desviar-se. Visto em: Ferreira, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004, 2120 p.

No ano de 1991 foi segregado no jornal um lugar específico para tratar sobre o assunto imigração, uma vinheta/chapéu denominada “ESTRANHOS NO PARAÍSO”. A criação desse espaço revela a importância que estava dando a esse assunto naquele momento, assim como também imprimir uma interpretação sobre o processo migratório que vai estar presente em todas as reportagens produzidas neste espaço.

A expressão “Estranhos no paraíso” direciona uma leitura a partir de um sentido que a Folha está construindo sobre o fluxo de pessoas para o exterior, e esse sentido norteia o próprio conteúdo das reportagens, principalmente, neste período dos anos 90 ao 92 se estendendo também ao ano de 93. A palavra “estranhos” se remete ao fato que o imigrante no exterior está num lugar que não é seu, portanto, não é considerado um cidadão, isto porque a condição de cidadão está intrinsecamente condicionada a posse de nacionalidade que é cedida pelo Estado. Dessa forma, imigrante fora do seu Estado legítimo não tem seus direitos assegurados por não possuir a nacionalidade do país estrangeiro, portanto, não ser considerado um cidadão.

As políticas de nacionalidade e imigração estão intimamente ligadas. Antes de qualquer coisa, para se definir quem é o imigrante, é preciso definir que é o “nacional”. Além disso, o Estado tem de definir se deseja ou não que o imigrante se torne um cidadão nacional, e qual tipo de imigrante estaria nessa situação, e, ainda, quais seriam os critérios adequados para esse processo. (...) O estrangeiro continua numa situação precária em relação ao cidadão. Somente os cidadãos gozam de um direito incondicional de permanência e residência no território, e podem planejar suas vidas de acordo com esses direitos. A entrada e a residência de não-cidadãos nunca é incondicional. Alguns não-cidadãos, os que entraram clandestinamente, por exemplo, ou pessoas no final do seu período de residência legal, não têm esses direitos. Mas mesmo não-cidadãos privilegiados, aqueles aceitos formalmente como imigrantes ou colonos, continuam residentes probatórios, suscetíveis à exclusão ou à deportação em certas circunstâncias.⁶⁴

⁶⁴ **Reis, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 abr. 2008.

A situação ilegal do imigrante, como um não-cidadão, torna-o alvo fácil de desrespeito, de violência, no sentido mais amplo da palavra, acaba ficando vulnerável a ataques de todos os tipos por não poder reivindicar os seus direitos.

A forma pela qual a Folha traz a experiência dos imigrantes colabora para a construção desses sujeitos como “os sem lugar”. E ainda ao focar na questão da ilegalidade e silenciar sobre os motivos pelos quais as pessoas migram, contribuem para ocultar e amenizar a falta de política social no Brasil que levam estes trabalhadores a buscarem outros mercados de trabalho, outras condições de vida. Ou seja, através do modo pelo qual a Folha produz as notícias sobre os imigrantes percebe-se que há uma construção que reforça e oculta ao mesmo tempo. Reforça no sentido de enfatizar sempre a questão da ilegalidade, ligando os imigrantes a criminalização, ao passo que, ao reforçar tal questão oculta, ao não trazer isso na reportagem, sobre os motivos pelos quais esses sujeitos migram, pela falta de política social, ou melhor, pela falta de uma estrutura social eficiente que dê conta de atender a todos. Dessa forma, por ser um “estranho”, isto é, não pertencer a aquele determinado território, ser um não-cidadão, marginalizado, o imigrante torna-se agente subordinado aos mecanismos de controle social, de criminalização realizada tanto fora do nosso país quanto dentro.

Por outro lado, dentro deste contexto, se o imigrante conseguiu ultrapassar as fronteiras territoriais de forma legal, ou seja, se sua situação é legal, as fronteiras culturais não se dissolvem, fazendo com que a culpa do aumento das delinquências, dos conflitos sociais recaiam sobre os imigrantes. Isto acontece porque, ser imigrante não significa somente não pertencer àquele lugar, mas, sobretudo, pertencer a uma outra nação que carrega outros valores e sentidos. No caso de imigrantes brasileiros acabam sendo alvos de desrespeito e preconceito não só por ser um imigrante, mas por ser brasileiro, pertencer a um país de terceiro mundo no qual os governos são incompetentes, nada funciona direito, a não ser o futebol. Ora, tal visão é um estereótipo que é construído e reforçado pela Folha através da maneira pela qual traz a experiência dos imigrantes lá fora, não levando em conta as particularidades e muito menos as potencialidades do país, mas que remete ao sentido daquilo que a Folha está chamando como “estranho”.

Título: Niseis brasileiros sofrem no Japão⁶⁵

As dificuldades por que passam brasileiros e peruanos filhos de imigrantes japoneses que voltam à terra de seus pais é o destaque na primeira página da edição de ontem do “International Herald Tribune”.

Com o título “No Japão, os ‘primos’ brasileiros não são respeitados”, o jornal diz que 150 mil filhos de imigrantes, principalmente procedentes do Brasil e do Peru, já retornaram ao Japão.

Eles enfrentam muitas dificuldades de adaptação. Segundo Roberto Ishizuka, 26, um brasileiro que trabalha numa fábrica em Hamamatsu, oeste de Tóquio, “os japoneses nos tratam como uma raça inferior”.

O grande afluxo de brasileiros provocou o surgimento no Japão de programas de rádio em português, com notícias e músicas do Brasil. Os programas dão conselhos para os recém-chegados.

Além disso, o imigrante brasileiro no “paraíso”, sempre aparece ligado a atividades promíscuas ou a trabalhos braçais que não exigem qualificação, mesmo as pessoas que possuem uma qualificação não exercem a profissão porque seus diplomas não são reconhecidos. Assim denota-se, quando o jornal traz reportagens nas quais os imigrantes sempre aparecem ligados a atividades de “baixo escalão”, a construção de um espaço específico para brasileiros, que fala se você é brasileiro são essas atividades reservadas/disponíveis.

Outro elemento perceptível faz referência às mudanças culturais no exterior, como as relações mudam com os brasileiros a partir do momento que vivenciam outro contexto cultural totalmente diverso do vivido aqui, no Brasil, e transforma o modo de viver, de se relacionar num estranho país que impõe mudanças no modo de ser para a sua “sobrevivência” nele, ao mesmo tempo em que, interfere no modo de viver daqueles países. A fala do brasileiro Roberto na reportagem “os japoneses nos tratam como uma raça

⁶⁵ NISEIS brasileiros sofrem no Japão. Jornal Folha de São Paulo, 8 nov, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

inferior” reforça a idéia de como as relações mudam conforme o contexto. Mesmo a maioria que vão para o Japão sendo descendentes de japoneses, chegando lá têm um outro tipo de tratamento. Isso acontece porque ser japonês aqui no Brasil possui um significado enquanto ser japonês no Japão possui outro. Mesmo que na reportagem isto não apareça de forma explícita, percebe-se que mesmo com os discursos que buscam criar uma memória na qual haja uma troca cultural entre os dois países, Japão e Brasil, a questão da etnia continua latente e segregando aqueles de ‘raça pura’ dos que não são.

Título: Travestis pioram imagem na Europa⁶⁶

Os brasileiros podem acabar se tornando “persona non grata” nos países europeus. Em Portugal, os laços de amizade já foram rompidos. Dezenas de dentistas brasileiros foram para aquele país em busca de trabalho e hoje trabalham na ilegalidade. Seus diplomas não são reconhecidos pela legislação portuguesa.

Os travestis também ajudam a piorar a fama dos brasileiros na Europa. “A capital do Brasil é o Bois de Boulogne”. A frase, do líder da extrema direita na França Jean Marie Le Pen, não é mais uma confusão sobre a geografia.

O Bois de Boulogne é um bosque na parte oeste de Paris, conhecido pelos travestis – a maioria brasileiros – que o freqüentam à noite.

Em junho de 89, durante debate na televisão, Le Pen usou a má imagem dos travestis brasileiros na França para justificar seu discurso antiimigratório. “Nós já temos um certo número de brasileiros aqui no Bois de Boulogne e não se pode multiplicar essa cifra por milhares, por dezenas de milhares”, disse.

Em 88, as prostitutas e travestis italianos chegaram a realizar um protesto _ em frente à Câmara dos Deputados, em Roma – contra o que chamavam de “concorrência desleal” dos brasileiros.

Os travestis italianos diziam que os brasileiros estavam “açambarcando” o mercado de prostituição italiano. Os italianos usam a expressão “viados” para se referir aos travestis.

⁶⁶TRAVESTIS pioram imagem na Europa. Jornal Folha de São Paulo, 3 out, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

Portugal também entrou no mapa das peripécias dos travestis brasileiros na Europa. Em outubro de 90, Afonso Felipe dos Santos, conhecido como “Shirley”, foi acusado de jogar gás paralisante na tripulação do voo 709 da Varig (Lisboa-Rio). O avião, com 347 passageiros, teve que fazer pouso forçado nas Ilhas Canárias. Santos foi preso.

Em função da forma pela qual a Folha de São Paulo traz a experiência dos imigrantes brasileiros quase sempre ligada a um universo negativo, a palavra “paraíso” parece ser usada de forma mais irônica, retratando as expectativas dos imigrantes o que não corresponde com as suas experiências. A partir desta versão que está sendo construída pela Folha os brasileiros aparecem como lançando-se numa aventura em busca do “El dourado”, mas quando chegam lá frustram-se. Dessa forma, a palavra paraíso que remete a algo bom, positivo, aparece nas reportagens acoplado à negatividade, dificuldades, frustrações, a não ser pelo sentido estritamente econômico. O exterior pode ser o paraíso para os imigrantes do ponto de vista econômico, pela possibilidade de ascensão social, não lá no exterior, mas aqui, através da remessas de dinheiro que são mandadas. No entanto, é um caminho árduo em função da discriminação, da difícil adaptação e das formas de se ganhar dinheiro, quase sempre através de trabalhos “ruins”, há um preço alto a se pagar.

Esta última reportagem traz ainda outras questões que elucidam a complexidade dos processos migratórios. Mesmo que na reportagem esteja acentuando a questão da ilegalidade, da criminalidade, das “atividades ilícitas” que os brasileiros acabam realizando, é marcante a presença dos conflitos que se estabelecem a partir do momento que os brasileiros, ao demarcarem o seu espaço no enfrentamento das desigualdades, das dificuldades acaba interferindo na vida social destes países. Ou seja, as prostitutas e travestis brasileiros na busca de sanar as suas necessidades, alcançar os seus objetivos, ou melhor, na luta por conquistar um espaço seu, aumentando o número da sua clientela, acaba interferindo no espaço do outro (das prostitutas e travestis do país), que “enxerga” aquele espaço como sendo legítimo seu, uma vez que pertencem aqueles países. Dessa forma o intruso é o outro, o imigrante, responsável pela concorrência desleal, a partir da qual se travam verdadeiros conflitos, que acabam sendo ocultados pelo jornal ao dar ênfase a outras questões, pela disputa de “mercado”. E ainda a presença de prostitutas e travestis europeus na reportagem, levam a pensar que mesmo os países europeus, tidos como modelos,

enfrentam problemas sociais, e o pior, gerados por eles mesmos, e não pelo o de fora como eles tendem fazer, colocando sempre a ‘culpa’ das mazelas sociais nos imigrantes.

É interessante perceber que a imprensa periódica Folha de São Paulo, ao ligar os brasileiros a atividades ‘ilícitas’ aparece uma tonalidade quase positiva, de incentivo, demonstrando as possibilidades de se ganhar dinheiro e até mesmo o apontamento de lugares com políticas migratórias menos severas. Porém, estes lugares nunca são os EUA ou a Europa, mas países vistos como atrasados, como por exemplo, a Venezuela, como aparece na reportagem abaixo. É notável a construção de uma possível segregação feita pelo jornal apontando os países ‘adequados’ para certas atividades, apropriados para receberem tudo de ruim e promíscuo, porque são ruins, enquanto, os outros (EUA e Europa) tidos como civilizados, não toleram ‘coisas ruins’ impondo políticas migratórias extremamente severas. Tal segregação, que busca construir uma imagem na qual os travestis e prostitutas são quistos em países atrasados, da América Latina e não em países civilizados(EUA e Europa), por exemplo, é perceptível de imediato na leitura dos títulos da reportagens. Na última reportagem acima o título é *‘Travestis pioram imagem na Europa’* fazendo alusão de que os brasileiros são vistos como coisas ruins na Europa e sendo travestis então a situação é pior. Enquanto na reportagem abaixo o título *“Prostitutas na Venezuela são 20 mil”* leva ao entendimento de que lá são aceitas, uma vez em que, 20 mil é número muito alto, dessa forma, tem que haver uma aceitação e acolhimento destas prostitutas lá.

Título: Prostitutas brasileiras na Venezuela são 20 mil.⁶⁷

A Venezuela foi descoberta por mulheres brasileiras para o trabalho de prostituição. O diretor de trânsito e fronteiras da Guarda Nacional venezuelana, Juan Perez Abreu, 41, calcula em 20 mil o número de brasileiras trabalhando como prostitutas em seu país.

Elas atuam nas cidades de Santa Elena de Uaien (a 320 Km de Boa Vista-RO), Upata e Ciudad Bolívar e nas pequenas localidades às margens da

⁶⁷PROSTITUTAS brasileiras na Venezuela são 20 mil. Jornal Folha de São Paulo, 17 jun, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

estrada que liga o Estado de Bolívar ao resto da Venezuela. Nos garimpos da Venezuela, elas ganham três vezes mais do que no Brasil.

Em Santa Elena, a presença de brasileiras durante a noite é marcante. Elas ocupam uma área de bordéis chamada Maloca, onde disputam os garimpeiros com poucas prostitutas venezuelanas.

A pernambucana Francisca Lopes, 28, adotou o nome de Laura para trabalhar em Santa Elena. Ela trocou Boa Vista pela Venezuela após crise econômica que chegou a Roraima com a retirada dos garimpeiros das áreas indígenas, em setembro de 1990.

“Para mim é fácil trabalhar aqui, porque não exigem passaporte e os garimpeiros que trabalham na fronteira procuram a Venezuela, porque bebida, gasolina e comida são mais baratas”.

Maria Alice, 22, adotou o nome de Dolores Estrada como ironia a sua situação. Ela percorre a fronteira do Brasil até Upata (a 750 Km de Boa Vista) de carona com seus clientes garimpeiros. Saiu do Brasil há dois anos, quando soube que, em vez de ganhar Cr\$5 mil por noite em Roraima, poderia ganhar Cr\$ 20 mil na Venezuela.

“Nós somos valorizadas. Muitas vezes os garimpeiros fazem aposta para ver quem dorme primeiro com as meninas. Ganha quem oferece mais”, diz Angélica Lopes, 24. Ela diz que chegou a ser leiloada na localidade de Santa Bárbara, onde brasileiros e venezuelanos trabalham em minas de diamante e bauxita.

O venezuelano Afonso Mendonza, 33, elogia as brasileiras. “São mais agressivas e se arrumam mais que as venezuelanas. Aceitam todas as fantasias”, diz. Em 12 cidades venezuelanas percorridas pela Folha no Estado de Bolívar e no Território Federal venezuelano do Amazonas, os postos de Guarda Nacional não registraram prisões de brasileiras por prática de prostituição.

Para Laurinda Figueiras, 37, assistente social do governo de Bolívar, as autoridades locais são “benevolentes” com as brasileiras. “A maioria delas tem

passaporte de turista; elas voltam ao Brasil para levar dinheiro para suas famílias”, diz.

A mineira Beatriz Gomes, 23, tem um carro, manda dinheiro para sua mãe em Belo Horizonte e paga as mensalidades da creche da sua filha de 2 anos. Ela pretende voltar de El Dorado para o Brasil daqui a quatro anos. “Depois dos 30 anos, os preços caem e as doenças venéreas afastam as mulheres do trabalho”, afirma.

Tal reportagem aparece como evidência da construção de sentidos que colocam as brasileiras sempre ligadas a este tipo de atividades, e ainda, traz a noção de que são “quistas” neste “campo”. Por isso, apesar da reportagem tratar essencialmente sobre a prostituição, que seria algo negativo, a tonalidade da reportagem aparece como positiva, ainda mais quando trazem as vozes dessas prostitutas falando que ganham bem (*em vez de ganhar Cr\$5 mil por noite em Roraima, poderia ganhar Cr\$ 20 mil na Venezuela.*) que são mais valorizadas (*“Nós somos valorizadas. Muitas vezes os garimpeiros fazem aposta para ver quem dorme primeiro com as meninas. Ganha quem oferece mais”,*) e não têm concorrência (*Em Santa Elena, a presença de brasileiras durante a noite é marcante. Elas ocupam uma área de bordéis chamada Maloca, onde disputam os garimpeiros com poucas prostitutas venezuelanas.*), ou até mesmo, os clientes falando da preferência às brasileiras. A reportagem ganha um sentido de incentivo ainda maior quando fala que as autoridades são “benevolentes” (*os postos de Guarda Nacional não registraram prisões de brasileiras por prática de prostituição (...) autoridades locais são “benevolentes” com as brasileiras*), porque esse é o ponto de maior tensão para o imigrante, a questão da ilegalidade, o medo da prisão ou deportação. Há nas reportagens elementos que traçam até mesmo o perfil das brasileiras prostitutas, na voz de um suposto cliente, o venezuelano Afonso Mendonza (*“São mais agressivas e se arrumam mais que as venezuelanas. Aceitam todas as fantasias”.*) e no depoimento da mineira Beatriz Gomes (*“Depois dos 30 anos, os preços caem e as doenças venéreas afastam as mulheres do trabalho”, afirma.*).

Neste período, nos anos de 90, 91, 92 até 93, que as reportagens do jornal aparecem como evidências da construção de um marco instituído para a imigração nesses

anos como sendo a crise econômica a partir da qual há um grande fluxo de brasileiros para fora, é relevante a presença, sobretudo de três países, Venezuela, Japão e Itália. Com relação ao primeiro há uma tonalidade positiva, de incentivo, com a afirmação de que é uma fronteira fácil de ser cruzada e até mesmo demonstrando o caminho de fuga para a Venezuela.

Brasileiros vão a Venezuela procurar trabalho⁶⁸

Um número cada vez maior de brasileiros está usando a fronteira Boa Vista (RR) com a Venezuela para fugir do Brasil em busca de trabalho e melhores salários.

(...) Duas vezes por dia saem da rodoviária internacional de Boa Vista dois ônibus da Eucatur com cem passageiros para a cidade de Santa Helena (Venezuela). A viagem de quatro horas custa Cr\$ 2,2 mil. O tenente Nelson, do 2º Batalhão Especial de Fronteira, disse que os brasileiros que querem viajar para a Venezuela precisam apresentar a carteira de identidade. “Com ela o brasileiro consegue permissão para permanecer no país por um curto período de tempo para fazer compras e turismo”, afirmou.

(...) Juan Carlos, 40, da Guarda Nacional da Venezuela em Santa Helena, disse que não exige passaporte de todos os viajantes brasileiros. “Muitas vezes não cobramos a carteira de identidade, porque um marginal pode ter todos os documentos e fazer barbaridades na Venezuela. O documento mais importante é o do caráter da pessoa”, afirma.

O fiscal da administração da rodoviária internacional de Boa Vista, Olivar Guevara, 65, afirma que os brasileiros estão indo para a Venezuela para trabalhar no garimpo, em empresas de extração, exploração de petróleo e construção civil, porque são empregos que não exigem escolaridade e pagam salários de até Cr\$ 40 mil mensais contra os Cr\$ 6 mil pagos na região norte do país. A mineira Sebastiana Bolineu, 49, viajou para Santa Helena para trocar seu trabalho de agricultura por um de empregada doméstica ganhando Cr\$ 25 mil mensais. “Também tem outra vantagem: um Bolívar, a moeda Venezuelana, vale por quatro cruzeiros”, diz.

⁶⁸ BRASILEIROS vão à Venezuela procurar trabalho. Jornal Folha de São Paulo, 04 agst, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

(...) *Olivar Guevara disse que o movimento de venezuelanos que vem para o Brasil é muito pequeno. “Quando aparece um venezuelano chegando em Boa Vista é para fazer turismo ou para fazer compras na Zona Franca de Manaus (AM). Quem vai querer sair do paraíso para entrar no purgatório?”, questiona Guevara.*

Fronteira é fácil de ser cruzada

A atração de brasileiros pela Venezuela é explicada pela facilidade para entrar no país pela fronteira BV-8, que dá acesso a cidade de Santa Helena (240 Km de Boa Vista). Os brasileiros que vão comprar mercadorias em Santa Helena também ficam satisfeitos. O empresário João Arcando Nascimento, 40, viaja três vezes por semana de Boa Vista para Santa Helena para comprar refrigerantes em lata e revender no mercado de Roraima.

O maranhense Flávio Juca, 32, chegou em Santa Helena há dois dias para trabalhar na construção. Seus únicos documentos eram a carteira de identidade e o título de eleitor. Ele vai ganhar Cr\$ 30 mil como ajudante de pedreiro, quatro vezes mais do que ganhava como comerciários em São Luiz (MA). “Os mestres-de-obras da Venezuela gostam dos brasileiros porque não reclamamos dos salários”, diz Juca.

Através da reportagem acima é perceptível o tom de incentivo, demonstrando as facilidades de se chegar lá e as vantagens com os altos salários. Ora, também é preciso contextualizar que a Venezuela, um país da América, esta ganhando destaque neste momento em virtude do momento de inflação, desvalorização da moeda brasileira, o cruzeiro.

Já com relação ao Japão o sentido atribuído à imigração para este país modifica-se através da observância de um grande número de reportagens tratando sobre a difícil adaptação de brasileiros ao oriente.

Brasileira descreve a difícil adaptação à terra dos avós⁶⁹

Foi no dia 13 de outubro de 1990 que saí com meus pais de São Paulo, com destino ao Japão. (...)

Sempre quis vir ao Japão para estudar. Em 1989, terminei o curso de Economia em Londrina, no Paraná, mas não tinha dinheiro para a passagem. O Brasil mudou muito nestes últimos anos.

O novo presidente e uma nova moeda. A inflação era galopante. Os impostos aumentaram. Quem quisesse trabalhar não encontrava emprego. Ou então o trabalho era muito mal remunerado. A vida no Brasil tornou-se simplesmente insuportável.

Foi por causa do dinheiro que vim para o Japão. Talvez devesse dizer voltei para o Japão. Há 58 anos, meus avós deixaram Fukuoka com destino ao Brasil. Também por dinheiro. Na época, a situação era exatamente inversa à de hoje.

(...) Quem não compreende direito o japonês fica com os trabalhos mais pesados e desagradáveis. Também há a forma de pensar japonesa, que é realmente diferente. No Brasil, é normal fazer piadas durante o expediente. Aqui, isso não acontece.

(...) O Brasil continua sendo para mim o país mais bonito. Mas quando penso na situação econômica de lá, acredito que é melhor ficar no Japão.

No PR, 20 mil emigraram⁷⁰

Mais de 20 mil descendentes de japoneses do norte do Paraná já emigraram para o Japão em busca de trabalho nos últimos dois anos. A estimativa é da comunidade japonesa de Londrina.

As agências de emprego não dão informações. Uma agenciadora de Londrina, que não quis se identificar, disse que “histórias de fracassos não

⁶⁹ BRASILEIRA descreve a difícil adaptação à terra dos avós. Jornal Folha de São Paulo, 18 jul, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

⁷⁰ NO PR, 20 mil emigraram. Jornal Folha de São Paulo, 1 jun, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

devem ser divulgadas, pois desanimam quem quer viajar”. Ele envia, mensalmente, uma média de 15 dekassegus para o Japão, desde o início de 90.

Apesar desse rígido controle de informações, já surgem na região histórias de desgraças e mortes provocadas pelo estresse e a falta de adaptação ao costumes japoneses.

Shiguelo Sonoda, 50, de Londrina (PR), suicidou-se em fevereiro no Japão. Segundo seu irmão, Luis Sonoda, Shiguelo “já tinha problemas emocionais no Brasil”. Depois de três meses de trabalho no Japão, não suportou o ritmo das 14 horas diárias e preferiu o suicídio a retornar ao Brasil. (...).

Dessa forma, percebe-se que Folha de São Paulo institui uma memória sobre a imigração de brasileiros para o Japão sempre destacando a questão da difícil adaptação em função do modelo de sociedade japonesa, totalmente diversa do nosso ocidental. O modelo de sociedade japonês é mais rígido, tradicionalista, tornando-se mais impermeável, e ainda, o idioma difícil acaba sendo uma barreira ainda maior para a adaptação. Contudo, ao instituir essa memória acaba ocultando que muitos brasileiros vão para o Japão não simplesmente pelo aspecto econômico mas, também em função dos laços históricos que possui com este país por causa dos parentes japoneses, ou seja, não se trata de uma escolha aleatória ou pura simplesmente econômica, mas alimentada por um passado comum e pelos vínculos culturais que muitos dos brasileiros aqui, mantêm com seus familiares, com os costumes, e modos de viver dos países para onde vão, sobretudo se tratando da imigração japonesa.

Por outro lado, a volta à terra dos antepassados representa também uma crítica a situação do próprio país. A forma através da qual a Folha está construindo a trajetória dos imigrantes para o Japão tende a camuflar a crítica que esses agentes estão fazendo aos projetos das classes dominantes, no qual não há espaço para todos. Ou seja, tais projetos das classes dominantes tendem a beneficiar somente uma pequena parcela da população, a elite, enquanto a maioria da população trabalhadora sofre com o arrocho salarial. Os salários, muitas vezes, são insuficientes para as despesas mínimas de

sobrevivência, além disso, se sujeitam a jornadas extensas de trabalho em função do espectro do desemprego que perturba grande parte dos trabalhadores os fazendo a se sujeitar a condições miseráveis de trabalho. Por tudo isso, muitos procuram outras saídas, como a imigração, na tentativa de mudar de vida.

O terceiro país que ganha mais destaque nesses anos de 90, 91 e 92 é a Itália na qual a imigração de brasileiros para este país aparece freqüentemente relacionada a unidade-tema: travestis.

Travestis brasileiros assustam Itália⁷¹

Dois entre três travestis brasileiros em Roma são portadores do vírus da Aids. A informação consta na primeira pesquisa até hoje realizada na Itália entre estrangeiros usuários de drogas.

A pesquisa será divulgada nos próximos dias no “Projeto Saúde”, boletim de informações do Ministério da Saúde italiano. Foi realizada pelo governo em associação com o Hospital Santo Spirito, único centro de referencia na Itália para estrangeiros portadores do vírus da Aids.

Dos 96 travestis entrevistados, 92 são brasileiros (os outros quatro são colombianos). A psicóloga Laura Spizzichino, 37, do Hospital Santo Spirito, disse à Folha que começou a pesquisa há um ano, após notar o crescimento no número de travestis brasileiros que procuravam o centro para dependentes de droga do hospital.

Das entrevistas com os travestis, surgiu um perfil assustador: desconhecimento de padrões básicos de prevenção, número de parceiros na casa dos 1,5 mil por ano e altíssimo índice de contaminação (exatos 68,4 são portadores do vírus).

Apesar do abuso de drogas, a principal forma de contágio da Aids entre os travestis brasileiros se dá através de relações sexuais. Por isso, segundo a psicóloga, a principal preocupação do centro de referencia é o fato de os travestis terem se transformado em veículo de contaminação.

⁷¹ TRAVESTIS brasileiros assustam a Itália. Jornal Folha de São Paulo, 17 dez, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

“Eles se relacionam muitas vezes com homens casados, irresponsáveis, que oferecem ainda mais dinheiro ao travesti para poder transar sem camisinha. Muitos aceitam.”

“Eles não têm medo de morrer”, afirma a psicóloga, que teme que a divulgação dos dados estimule uma campanha antimigratória ou racista na Itália. Cerca de 99% dos travestis brasileiros está em situação ilegal na Itália. Não há estimativas seguras no país.

A lei italiana de certa forma favorece o imigrante ilegal. Detido, um travesti ganha ordem de expulsão, uma passagem e 15 dias para deixar o país. Muitos desaparecem após serem detidos; outros aproveitam para viajar de graça ao Brasil e depois voltam.

A Folha tentou ontem, por duas vezes, falar com o cônsul do Brasil em Roma, ministro José Vicente Pimentel, mas foi informada por sua secretaria que ele poderia atender hoje.

A partir desta reportagem é perceptível observar vários elementos que condicionam uma leitura que rotula os travestis como brasileiros e ainda como portadores do vírus Aids, portanto, possíveis veículos responsáveis pelo alastramento dessa doença.

Um dos pontos que mais chama atenção na reportagem são os dados quantitativos, obtidos através de pesquisa _ aparece como elemento legitimador do que se está afirmando_ *Dos 96 travestis entrevistados, 92 são brasileiros (os outros quatro são colombianos).* E os travestis Italianos? Não havia? Isto remete ao fato de amplos setores dos países receptores responsabilizarem os imigrantes pelo aumento das delinquências e dos conflitos sociais. A imigração acaba funcionando como válvula de escape para as mazelas da sociedade européia. Há uma transferência de responsabilidades, principalmente por parte do mundo oficial_ os governos_ que atribuem à imigração a responsabilidade de todas as patologias da sociedade européia, neste caso. Mesmo que existam discursos que tentam disfarçar os conflitos, a discriminação e ocultar a violência aos imigrantes sob a retórica da preocupação com o “bem-estar” dos brasileiros, com a saúde destes, os estereótipos persistem, nos quais permaneceu aquela oposição simplificadora: civilização ou barbárie. E esta visão é o motivo pelo qual as políticas migratórias não avancem.

Mesmo que essa imagem de imigrantes brasileiros como sendo travestis, ou vice-versa, que os travestis são brasileiros, seja construída lá, é uma imagem que é reportada para cá e reafirmada aqui a partir do momento que ela foi selecionada pela Folha para ser noticiada⁷².

A forma através da qual a reportagem é construída evidencia rotulações que homogeneizam todos os imigrantes brasileiros num mesmo lugar.

“(...) *A lei italiana de certa forma favorece o imigrante ilegal. Detido, um travesti ganha ordem de expulsão, uma passagem e 15 dias para deixar o país. (...)*”⁷³.

Neste trecho, por exemplo, quando a expressão imigrante ilegal é substituída, logo adiante, por travesti, o jornal rotula todos os imigrantes ilegais como travestis. E ainda mesmo, quando na voz da psicóloga, afirma temer que os dados estimulem políticas migratórias, fica mais evidente como um alerta de algo que já está acontecendo, mesmo porque, já é presente em outras reportagens.

No final do ano de 1993 começa a serem freqüentes as reportagens que tem como unidade-tema a deportação de brasileiros. Dessa forma, se antes de 93 as notícias tinham uma tonalidade positiva, mesmo quando trazia os aspectos negativos, principalmente, com relação a difícil adaptação, ou seja, era uma tonalidade de incentivo, a partir de 93 a tonalidade começa a ser negativa, tratando quase sempre do constrangimento da deportação, de ser mandado de volta. Tal tema, da deportação, remete a questão da ilegalidade dos imigrantes e como esta situação é tratada na esfera governamental sem levar em conta a autonomia e liberdade do imigrante como ser humano. Estabelece-se assim uma tensão entre imigração e o Estado.

(...) o mundo é dividido em Estados, e Estados são associações que, entre outras características, possuem o monopólio de legitimidade da mobilidade. (...)

⁷² O termo “noticiada” se remete ao sentido de que a reportagem foi construída, pois, segundo Barbero, a imprensa ao informar dar forma, e não como mera reprodução de dados que foram divulgados lá fora. BARBERO, Jesús-Martín. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

⁷³ Trecho retirado da reportagem: TRAVESTIS brasileiros assustam a Itália. Jornal Folha de São Paulo, 17 dez, 1991. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

Nenhuma pessoa hoje pode cruzar a fronteira de nenhum país sem estar munida de passaporte, e muitas vezes também de um visto, a não ser nos casos em que haja acordos entre os países como, por exemplo, entre os países membros da União Européia. O monopólio de legitimidade da mobilidade é considerado um dos fundamentos da soberania do Estado. Protestos podem ser feitos, e ocorrem nesse caso dentro e fora da Austrália, mas, em última instância, não existe nenhuma organização superior ao Estado neste aspecto específico que possa obrigá-lo a aceitar quem quer que seja em seu território.⁷⁴

A questão da ilegalidade está intrinsecamente ligada a noção de cidadania, aqui você é imigrante ilegal porque não pertence a esse lugar. O acesso aos direitos de cidadania está condicionado a posse de nacionalidade, logo os brasileiros são alvo de desrespeito aos direitos humanos, situações que causam no mínimo constrangimento.

A imigração tem sido reivindicada como direito o que expressa a emergência de uma nova noção de cidadania que se amplia para além do seu território de origem, porém, as constantes deportações, repatriamentos e prisões presentes nas reportagens demonstram que essa noção de cidadania é condicionada a soberania do Estado como possuidor do monopólio da legitimidade da mobilidade.

EUA ‘devolvem’ 66 mineiros ilegais⁷⁵

Sessenta e seis brasileiros que tentaram entrar nos EUA com vistos falsos chegaram ontem ao Rio depois de serem deportados pelo Departamento de Imigração norte-americano. Para fugir da fiscalização nos aeroportos brasileiros, eles embarcaram, na terça-feira, em Assunção, em um vôo da LAP (Linhas

Aéreas Paraguaías), mas o sonho de uma vida prospera no exterior acabou no Aeroporto de Miami.

⁷⁴ **Reis, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 abr. 2008.

⁷⁵ EUA ‘devolvem’ 66 brasileiros. Jornal Folha de São Paulo 08 de Out, 1993. Cotidiano p. 3-1. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

Segundo o chefe da Delegacia de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras da Polícia Federal, Jairo Kullman, outros dez brasileiros estavam no vôo, mas preferiram enfrentar a Justiça americana a voltar para o Brasil. Os 66 deportados são todos da região de Governador Valadares (MG). Eles foram liberados pela delegacia, porque o flagrante não foi feito no Brasil. Segundo Kullman, eles responderão a inquéritos por falsificação de documentos e formação de quadrilha, o que pode representar até sete anos de prisão.

Wesley Martins, 20, um dos deportados, disse que não conseguiu visto pelos meios normais e acreditou em um rapaz que prometera resolver a situação legalmente. Ele disse que tem um irmão morando em Nova York e que pretendia estudar na cidade. Segundo o chefe do Setor Operacional da delegacia, Silvio Santana, os integrantes do grupo pagaram em média US\$ 3 mil (R\$ 408 mil) por um pacote que incluía passagens e os vistos falsos. Alguns mineiros disseram aos policiais que a viagem fora organizada por um pastor. Segundo Santana, a polícia já identificou uma quadrilha em Governador Valadares especializada em fornecerem vistos e passaportes falsos. Santana explicou que, divididos em dois grupos, 76 mineiros foram para Vitória e para o Rio de Janeiro – provavelmente para viabilizar a documentação - e depois partiram de ônibus para Assunção. Um grupo chegou a ir para o Paraguai em um ônibus fretado.

Jairo Kullman informou que, mensalmente, chegam ao Brasil de 16 a 18 mineiros deportados dos EUA. No ano passado, foram 127 e neste ano já são cerca de 190. Para fugir de um esquema de fiscalização implantado no Aeroporto do Rio, os mineiros passaram a embarcar em Brasília e Belo Horizonte e já houve registros de embarques pelo México e pelo Haiti. A rota Assunção-Miami ainda era inédita.

No título da reportagem a palavra ‘devolvem’ reflete a questão que foi discutida acima, da autonomia do Estado na decisão de quem faz parte da sua população, e ainda, os cidadãos pertencem àquele lugar do qual possui a nacionalidade, ou seja, como se fossem propriedades do país o qual pertence. A denominação ‘devolvem’, traz o sentido de ‘dar de volta’, ‘toma de volta, porque é seu, aqui não é o seu lugar’. E se não é um cidadão não possui direitos, determinando ao estrangeiro uma situação precária nos países receptores.

As políticas migratórias variam entre os países dependendo da concepção de cada um de quem faz parte dos “nós” de quem é nacional, portanto, cidadão possuidor de direitos e de quem não é nacional. Contudo, o Estado não representa um ator único que age com relação ao processo migratório. As populações dos países receptores, seja pela crise econômica, seja pela ameaça do terrorismo ou do narcotráfico, seja simplesmente pela xenofobia, pressionam os governos para fechar as portas para a imigração. Assim a imigração aparece na maioria das vezes como um problema de segurança pública e uma questão de polícia, o que remete no meu ponto de vista, dentre várias outras coisas, a uma questão de transferência de culpa das mazelas da sociedade, seja por parte do Estado (que não cumpre todas suas obrigações no setor público, alegando que se há uma deficiência do setor público, como exemplo na questão do emprego, é culpa do imigrante que está tomando o emprego dos nacionais), ou da própria população que culpam os imigrantes pelas delinquências.

Como já foi colocado, é perceptível através da leitura das reportagens a construção de temporalidades, ou melhor, de marcos instituídos que aparecem no interior dessa memória que o jornal está construindo sobre a imigração. A partir do final de 1993 e, com mais intensidade no ano de 1994, o país que mais aparece é os EUA, no qual o aumento do fluxo de imigrantes, no ano de 94, aparece relacionado, principalmente, a copa do mundo.

Título: País ocupa 5º lugar no ranking de turismo aos EUA⁷⁶

O Brasil deve desbancar a Itália e ocupar este ano o quinto lugar no ranking dos países que mais enviarão turistas para os EUA.

Cerca de 611 mil brasileiros devem viajar este ano para os EUA. O Centro para Estudos de Imigração Americano estima que parte desses turistas pretende ficar permanentemente no país.

⁷⁶ PAÍS ocupa 5º lugar no ranking de turismo aos EUA. Jornal Folha de São Paulo 24 de maio, 1994. Cotidiano p. 3-1. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

Os EUA esperam um recorde de visitantes em 1994, principalmente por causa da Copa do Mundo, que começa em junho.

Mais de 47 milhões de pessoas devem visitar o país até o final do ano. O maior número de turistas virá do Japão. Serão cerca de 3,6 milhões de pessoas.

O segundo no ranking é o Reino Unido, com 3,2 milhões, o terceiro a Alemanha (1,8 milhão) e o quarto a França (894 mil turistas).

A Itália ficará em sexto lugar, depois do Brasil, com 601 mil turistas, segundo previsões da Associação de Viagens e Turismo dos Estados Unidos.

A imigração americana está preocupada com a entrada dos turistas de países da América Latina, Ásia e do Leste europeu.

A concessão de vistos para os EUA este ano não está seguindo o mesmo rigor por causa da Copa do Mundo e existe a possibilidade de muitos turistas aproveitarem o evento para imigrar para os EUA. (...)

Nesta reportagem percebo a presença de três elementos centrais. O primeiro refere-se à Copa do Mundo como causa do aumento do fluxo de imigrantes, dessa forma, neste ano, a Copa do Mundo acaba se tornando uma unidade-tema freqüente nas reportagens de 1994. Ou seja, o crescimento do mercado de turismo acaba sendo usado como uma estratégia pelos imigrantes para irem e permanecerem no país aproveitando-se dessa rede de interesses que gravita em torno do turismo. É interessante observar que somente em relação aos brasileiros a reportagem cita a preocupação dos turistas ficarem permanentemente no país, ou seja, se tornarem imigrantes (*Cerca de 611 mil brasileiros devem viajar este ano para os EUA. O Centro para Estudos de Imigração Americano estima que parte desses turistas pretende ficar permanentemente no país.*). Os outros países citados na reportagem como constituintes do ranking aparecem relacionados apenas ao turismo.

Um segundo elemento é a preocupação da imigração americana com a entrada de turistas de países da América Latina, da Ásia e do leste europeu. Uma preocupação que traz o sentido do medo que esses turistas se transformem em imigrantes. E ainda traz a tona a discriminação com relação a certos países, localizados nas regiões citadas acima, principalmente, da América Latina. A presença de discursos xenófobos na vida cotidiana e

na imprensa, mesmo que apareçam de uma forma sub-reptícia, mostram que a ficção que sustenta os preconceitos e a discriminação continua a prevalecer.

De acordo com Cancline, a hostilidade dos EUA com relação aos outros países do sul, simbolizada com o ‘muro’ que cerca o seu território, comprova que jamais latino-americanos e estadunidenses poderão um dia se integrar à maneira dos cidadãos da União Européia⁷⁷.

E um terceiro elemento é a afirmação da facilidade em conseguir visto na época da Copa do Mundo, existindo a possibilidade de imigrar. Assim, aparece uma tonalidade positiva, de incentivo. Que fala que a hora de ir é agora, contudo, deixa um alerta que existe uma preocupação da imigração americana com os turistas da América Latina, o que pode significar um possível acirramento das políticas antimigratórias. Embora o modo pelo qual a reportagem é noticiada tende a enfocar na questão do medo das políticas antimigratórias do Estado, é notável a habilidade dos imigrantes em construir estratégias para imigrar aproveitando das situações, mesmo havendo uma ocultação deste ‘fato’.

Título: “Imigrantes da Copa” assustam EUA⁷⁸

O serviço de Imigração dos Estados Unidos acredita que muitos dos brasileiros que entraram no país para assistir a Copa do Mundo pretendem permanecer no país como imigrantes ilegais.

“Muitos torcedores brasileiros e de outros países estão sendo considerados imigrantes em potencial”, diz Charles Troy, diretor do Serviço Nacional de Imigração em Nova York, onde estão concentrados cerca de 80 mil brasileiros dos mais de 300 mil que vivem nos EUA.

“ Estamos atentos a esse problema e preparados para identificar e deportar quem violar os termos dos vistos concedidos para a entrada no país”, diz Troy.

Estima-se que pelo menos 20 mil brasileiros tenham entrado nos EUA em junho com o propósito inicial de ver os jogos da Copa.

⁷⁷ Para refletir tais questões foi importante a leitura de CANCLINE, Nestor. **A globalização imaginada:** Globalizar-se ou defender a identidade: como escapar dessa opção. São Paulo: Iluminuras, 2003.

⁷⁸ “IMIGRANTES da Copa” assustam EUA. Jornal Folha de São Paulo 11 de jun, 1994. Esporte p. 4-8; 4-9.. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

A maioria viajou para San Francisco, mas o Serviço de Imigração sabe que os “imigrantes da Copa”, como estão sendo chamados, devem deslocar-se para Estados de Nova York e Massachusetts, onde a maioria dos brasileiros está concentrada. Só em Massachusetts existem cerca de 120 mil brasileiros.

Giani Agostinelli, diretor do Centro para Estudos da Imigração em Nova York, afirma que a Copa é o “cenário ideal” para estimular os imigrantes que pretendiam entrar nos EUA e tinham medo de não conseguir vistos.

Legalização

Escritórios de advocacia especializados em regularizar a situação de imigrantes ilegais em Nova York já estão se preparando para receber os “imigrantes da Copa”.

“Nos dois a três meses seguintes à Copa devem aparecer dezenas de novos casos de imigrantes querendo regularizar a situação de seus vistos”, diz Moisés Apsan, presidente da Ordem dos Advogados de Nova Jersey.

Apsan trabalha há 11 anos quase que exclusivamente com casos de brasileiros que entram como turistas nos EUA e conseguem um meio de obterem vistos de permanência com prazos maiores. Nos últimos anos, diz, regularizou a situação de pelo menos 4.000 brasileiros.

Segundo Apsan, outros eventos, como as Olimpíadas de Los Angeles em 1984, já haviam revelado a “porta de entrada” para muitos brasileiros e pessoas de outras nacionalidades com intenção de imigrar para os Estados Unidos.

Agostinelli, do Centro para Estudos da Imigração, afirma que os torcedores da Copa encaixam-se no perfil dos brasileiros que já emigraram.

“Ao contrário do que muitos pensam, a maioria dos imigrantes brasileiros vem com dinheiro e contratos para ficar nos EUA algum tempo antes de começar a trabalhar. Eles não são fugitivos desesperados, mas pessoas com condições que buscam outra qualidade de vida”, diz Agostinelli. A maioria, afirma, já terminou o 2º grau escolar ou até mesmo a universidade. Mais de 52% dos brasileiros que imigram, segundo o Centro para Estudos da Imigração, já têm amigos nos EUA com quem acabam ficando assim que chegam ao país. Em 25% dos casos, os imigrantes chegam com a intenção de nunca mais retornar ao Brasil.

O emprego é outro ponto que mostra a agilidade e contatos da comunidade brasileira nos EUA. Em média, 65% dos brasileiros que imigram para os EUA conseguem um emprego em menos de 20 dias.

Inicialmente, a maioria procura ocupações na mesma área de trabalho que atuava no Brasil – principalmente pelo fato de essa ser uma das formas mais fáceis de conseguir um visto de permanência.

Mas a grande maioria, após as primeiras tentativas, acaba caindo na vala comum do subemprego e ganhando salários –em 55% dos casos- entre US\$ 1.000 E US\$ 2.000.

Nesse caso, acabam permanecendo em condições irregulares no país e juntando-se aos quase 70% de imigrantes ilegais brasileiros nos EUA.

Menos de 4% do total que chega aos EUA com a intenção de imigrar consegue um rendimento superior a US\$ 3.000. Geralmente, encaixam-se nesses casos os brasileiros legais que conseguem empregos relacionados à área de trabalho no Brasil.

Premeditação

A brasilianista Maxine Margolis, autora do livro “Little Brazil” (“Pequeno Brasil”), que conta a vida dos imigrantes brasileiros em Nova York, acredita que muitos dos “imigrantes da Copa” já vinham planejando suas estratégias de imigração há meses. “A Copa era a chance de ouro para muitos”, diz Maxine.

Um fator que é interessante observar com relação as duas últimas reportagens redigidas (*País ocupa 5º lugar no ranking de turismo aos EUA e “IMIGRANTES da Copa” assustam EUA*) é que embora ambas tratem mais ou menos do mesmo assunto, o possível aumento de imigrantes em virtude da Copa, elas foram publicadas em editorias diferentes. A primeira, no COTIDIANO e, a segunda, na parte de ESPORTE, o que demonstra a importância dada a este assunto pelo jornal e o desejo de alcançar um maior número de leitores.

O título da última reportagem ao trazer a palavra ‘assustam’ já produz de antemão um sentido sobre a imigração, que traduz uma tonalidade negativa sobre a impressão dos EUA com relação ao processo migratório. E ainda, oferece uma pré-leitura sobre o conteúdo da reportagem que se segue, ou melhor, condiciona uma forma de leitura a partir do sentido que a Folha está produzindo sobre o assunto através de uma construção que se inicia logo no título da reportagem. Entretanto, mesmo que a reportagem inicie falando que as autoridades vão estar atentas quanto ao ‘perigo’ do aumento dos imigrantes, há um caminho traçado de ‘encorajamento’ a partir da afirmação que o momento mais propício é agora (*Giani Agostinelli, diretor do Centro para Estudos da Imigração em Nova York, afirma que a Copa é o “cenário ideal” para estimular os imigrantes que pretendiam entrar nos EUA e tinham medo de não conseguir vistos.*)⁷⁹.

⁷⁹ Trecho retirado da reportagem “IMIGRANTES da Copa” assustam EUA. Jornal Folha de São Paulo 11 de jun, 1994. Esporte p. 4-8; 4-9.. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

Porém, ao mesmo tempo em que há esse ‘encorajamento’ há um recado que diz: se você é brasileiro vai estar condicionado ao subemprego e ganhando uma dada quantia. Não há possibilidade de atuar em áreas que exijam qualificação, ou mesmo, na área que se atuava lá no Brasil. Isto remete a condição de cidadão de outra nacionalidade, no exterior você não é considerado um cidadão porque não pertence a este país, portanto, não tem direito de participar na oferta dos empregos como os outros e não vai ter o mesmo valor que tinha no seu país de origem como profissional. Os empregos destinam-se primeiro aos cidadãos, aos nacionais, ao imigrante destina-se o subemprego, o que sobrou, os serviços que os nacionais não querem fazer.

No ano de 1995 a unidade-tema que aparece com mais freqüência é a comemoração dos 100 anos de imigração japonesa para o Brasil. As reportagens deste ano tentam trazer um sentido de comemoração, contudo, é perceptível uma tonalidade negativa com relação ao “caminho de volta”, em função do preconceito e difícil adaptação ao Japão. É interessante observar que a Folha numa mesma edição trouxe uma reportagem falando da comemoração dos 100 anos de imigração, e uma outra, em outra parte do jornal, sobre a detenção de brasileiras para entrar no Japão. Em outras palavras, essas datas comemorativas, como os 100 anos de imigração, são criadas e difundidas pelos meios de comunicação, como pela Folha, na tentativa de camuflar os conflitos que se travam em função da super valoração da etnia. Isso acaba sendo um fator de julgamento do que é ‘bom’ (igual a nós japoneses, de ‘raça pura’) e do que é ruim (inferior, ou seja, os descendentes).

Título: Brasil Japão 100 anos⁸⁰

No dia 5 de novembro de 1895, Gabriel de Toledo Piza, representando o presidente dos Estados Unidos do Brasil, e Arasuke Sone, representando o

imperador do Japão, assinaram o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre os dois países.

⁸⁰ BRASIL Japão 100 anos. Jornal Folha de São Paulo 19 de out, 1995. Caderno Especial p. 1. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR.

Cem anos depois, ainda há uma grande distância de relacionamento comercial e econômico entre os dois países: o Japão representa apenas 11% do comércio externo brasileiro e o Brasil recebe menos de 3% de todo investimento japonês no mundo.

O Brasil abriga o maior número de japoneses e seus descendentes fora do Japão (estima-se uma comunidade de quase 1,5 milhão de pessoas, em cinco gerações).

Em compensação, cerca de 170 mil brasileiros de descendentes de japoneses retornaram ao país de seus antepassados, em busca de trabalho. São os dekasseguis.

Pesquisa Datafolha mostra que a comunidade japonesa no Brasil tem escolaridade e renda superior à média da população brasileira.

A pesquisa revela também que os descendentes de japoneses acham que os integrantes da sua comunidade têm preconceito em relação a brasileiros não-orientais.

Em artigo especial para a Folha, o presidente Fernando Henrique Cardoso diz que “o momento é propício para que o Brasil volte, como no passado recente, a receber investimentos japoneses”.

***Título: Brasileiras são detidas no Japão por falta de visto*⁸¹**

Quatro mulheres brasileiras, quatro peruanas e um chilena foram detidas ontem pela polícia de Saitama, próximo a Tóquio (Japão), acusadas de não ter visto de residência e trabalho. Segundo a polícia, a detenção aconteceu em uma fábrica de alimentos de Saitama, onde trabalhavam as acusadas, as detidas foram colocadas à disposição das autoridades de Imigração de Tóquio.

As reportagens aparecem como vestígios de uma construção que remete a sentidos diferentes referentes à imigração de japoneses para cá e a imigração de brasileiros para lá. Ou seja, mesmo com a assinatura de um acordo há 100 anos atrás as fronteiras culturais permanecem fazendo emergir uma série de outras barreiras, inclusive, fronteiriças, dificultando a entrada de brasileiros no Japão.

⁸¹ BRASILEIRAS são detidas no Japão por falta de visto. Jornal Folha de São Paulo 19 de out, 1995. Cotidiano p. 3-3. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

Nos anos de 96 e 97, a unidade-tema mais recorrente é a questão da ilegalidade dos imigrantes e o acirramento das políticas antimigratórias relacionadas principalmente aos EUA.

Título: EUA prendem 14 brasileiros ilegais⁸²

O serviço de imigração dos EUA prendeu 14 brasileiros em situação ilegal no país numa fábrica de processamento de carne em Scranton, na Pensilvânia (a 150 Km ao norte de Filadélfia, na costa leste).

A operação foi montada em Washington pelo Immigration and Naturalization Service (INS), a agência do governo norte-americano encarregada de fiscalizar a situação de estrangeiros nos EUA.

O INS recebeu denúncia anônima de que mais de cem brasileiros ilegais trabalhavam na empresa Montage Foods e fez planos para uma deportação em massa dessas pessoas. (...)

Título: Nova lei dificulta imigração para EUA⁸³

As novas regras de imigração nos Estados Unidos, que entraram em vigor na última sexta-feira, devem dificultar a vida de muitos brasileiros residentes no país.

De acordo com essas novas regras, os imigrantes ilegais que quiserem trazer parentes para morar nos EUA terão de comprovar renda anual 25% superior a US\$ 20,1 mil, valor considerado limite de pobreza para o governo do país.

De acordo com o serviço de imigração e naturalização (INS) dos EUA, a idéia é conseguir uma redução de 29% nas aprovações dos processos de naturalização. Segundo o INS, cerca de 500 mil novos processos são abertos por ano nos EUA. (...)

O aumento das políticas antimigratórias reforça a idéia de soberania do Estado sobre a legitimidade da mobilidade. E ainda quanto mais as fronteiras se fecham, no sentido

⁸² EUA prendem 14 brasileiros ilegais. Jornal Folha de São Paulo 23 de mar, 1996. Cotidiano p. 3-5. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

⁸³ NOVA lei dificulta imigração para os EUA. Jornal Folha de São Paulo 21 de dez, 1997. Mundo p. 1-25. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

de dificultar a legalização dos imigrantes, conseqüentemente, mais aumenta o número de imigrantes ilegais que se vêem vulneráveis aos diversos tipos de violência por não pertencerem àquele lugar, portanto, não portadores dos direitos de cidadãos. Nesse sentido, há uma pressão por parte dos imigrantes reivindicando alguma assistência. Estabelece-se assim, uma tensão na esfera governamental, na qual cada um tenta defender os seus. Os seus não me refiro somente à população, mas também aos vários interesses que entram em disputa no processo migratório⁸⁴.

Título: Brasileiros em NY pedem assistência⁸⁵

A criação de um programa de assistência social é a principal reivindicação que os brasileiros que vivem em Nova York gostariam que o Presidente Fernando Henrique Cardoso fizesse a Bill Clinton.

“O que mais falta aqui é ter uma assistência, um órgão que ajude a tirar dúvidas nos momentos mais difíceis”, afirma Bruno Camilo Moura, 19, que mora com a família em Nova York.

(...)

Para o agente de turismo João Cordeiro, 29, o mais razoável seria que o governo americano tivesse com o Brasil programas de cooperação semelhantes aos que tem com a Índia. Segundo Cordeiro, muitos indianos entram nos EUA há cerca de um ano, representando uma agencia de Turismo de Belo Horizonte.

“Os brasileiros têm que trabalhar muito para conseguir trabalhar e viver aqui. Não existe auxílio.”

Suporte

⁸⁴ A existência de grupos de pressão com interesses tão díspares, aliados a interesses econômicos e políticos de outras naturezas, contribuiu para a formulação de políticas de imigração e nacionalidade complexas e, muitas vezes, incoerentes, que acabam não satisfazendo a nenhum dos lados e sendo taxadas de ineficazes, tanto pelos que defendem um fechamento maior, como pelos que defendem uma maior liberalização das fronteiras. **Reis**, Rossana Rocha. **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 abr. 2008.

⁸⁵ Brasileiros em NY pedem assistência. Jornal Folha de São Paulo 13 de out, 1997. Brasil p. 1-12. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

A falta de um programa que suporte os imigrantes ilegais na cidade e regularize a situação dos ilegais de freqüentes reivindicações de associações de imigrantes em Nova York. Uma dessas associações programou uma manifestação em frente à sede das Nações Unidas hoje.

Segundo o prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, esse tipo de campanha deve visar melhorar a condição de vida apenas dos imigrantes legais da cidade.

“Nenhuma cidade americana pode incentivar a imigração ilegal. Muito menos Nova York”, disse o prefeito durante um debate na TV na semana passada. (...).

O assunto imigração tem sido tratado na esfera governamental em virtude dos conflitos que vêm ocorrendo, dessa forma, as ofensas, as violências sentidas pelos imigrantes são tratadas em termos governamentais justamente, pela noção, já discutida, do Estado ter soberania no processo migratório. É dele a tutela dos cidadãos, a quem cabe, portanto, a defesa ou punição daqueles.

(...) se um determinado Estado ofende de alguma forma um cidadão de outro Estado, a questão passa a ser tratada na esfera governamental, assume a forma de uma ofensa de um Estado ao outro, e só pode ser discutida e resolvida entre eles. A característica fundamental que distingue as migrações internacionais de outros tipos de migrações é, portanto, que elas implicam uma mudança do indivíduo entre duas entidades, entre dois sistemas políticos diferentes.⁸⁶

No ano de 1997 é observada a existência de uma reportagem que narra a travessia de dois brasileiros para os EUA a nado. É a primeira reportagem que traz este tipo de travessia. Porém, sabe-se que é muito comum este tipo de travessia, na qual as pessoas cruzam as fronteiras ‘via terra’, ou seja, através de viagens perigosas, atravessando os rios a nado durante a noite, cruzando as fronteiras a pé, ou dentro de caminhões sem a mínima segurança. No entanto, das 178 reportagens que analiso, são pouquíssimas, as que trazem este tipo de experiência.

⁸⁶ **Reis, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 abr. 2008.

Título: Brasileiro se afoga ao tentar entrar nos EUA.

O brasileiro Marcelo Cavalcante Mendonça, 26, morreu afogado sábado quando tentava atravessar o rio Grande, que separa o México do Texas, para entrar ilegalmente nos Estados Unidos com seu amigo Josias Castro, 25.

Castro foi preso depois que chamou a polícia dos EUA para tentar resgatar Mendonça. Ele será processado e deportado para o Brasil.

A cônsul do Brasil em Houston (Texas), ministra Maria Lúcia Pompeu Brasil, conversou ontem por telefone com Castro.

Segundo Pompeu Brasil, ele estava calmo e afirmou que gostaria de voltar para o Brasil. Castro está preso no Centro de Detenção de Imigração na cidade de McAllen, Texas, na fronteira com o México. A cônsul disse que os dois tentaram entrar sozinhos nos Estados Unidos, sem a ajuda de pessoas especializadas em facilitar imigrações ilegais.

Os brasileiros escolheram um trecho deserto do rio, em que há parques em ambas as margens. Nessa parte do rio, a travessia demora cerca de 15 minutos. No meio da travessia, Castro viu que seu amigo estava tendo dificuldade para nadar, tentou ajudá-lo, mas não conseguiu.

A própria reportagem fala da existência de pessoas especializadas na travessia ilegal, o que comprova a frequência deste tipo de travessia. Contudo, a quase não presença deste tipo de ‘experiência’ nas páginas da Folha, não quer dizer necessariamente, que este tipo de travessia não seja comum ou frequente, mas indica uma seleção feita pelo jornal, do que é importante ou não, na constituição da memória que se está produzindo sobre a imigração.

Segundo Maciel, é preciso pensar a memória não como algo dado naturalmente, mas como criado ativamente, com intencionalidade ao destacar determinados fatos e sujeitos e silenciar outros. Por isso, da mesma forma que a divulgação de determinados fatos e sujeitos são importantes, os silêncios, as ausências, também são, porque aparecem como vestígios da construção de uma memória que é previamente selecionada, articulada conforme interesses prévios. Dessa forma, a memória não pode ser

vista como natural, como simples registro da sociedade, mas como um processo social-político no qual é construída, moldada e difundida conforme o poder de quem a produziu.

(...) É preciso pensar (grifos meus) a memória como um processo socialmente ativo de criação de fatos e significados que modela nossa consciência do ontem e do hoje, afirma algumas tendências, possibilidades e sujeitos, apagando outras memórias e histórias dissidentes. Com esses pressupostos, é possível evidenciar o processo de desmoralização (...) a partir da intencionalidade da divulgação de alguns ‘fatos’ e o apagamento de outros (...).⁸⁷

No ano de 1998 a unidade-tema mais freqüente é a crise asiática, de 7 reportagens que foram publicadas neste ano, falando sobre a imigração de brasileiros, 6 estão relacionadas a crise asiática.

Título: Remessa para o Brasil cai 36% desde 95⁸⁸

Desvalorização do iene ante o dólar é o que mais prejudica poupança de brasileiros que estão no Japão.

Prejudicados por salários achatados e pelo iene mais fraco, os dekassegus têm remetido cada vez menos dólares ao Brasil nos últimos anos. (...)

Segundo Luiz Fernando Chagas Lessa, gerente-geral do Banco do Brasil em Tóquio, a redução se deve quase que exclusivamente à queda do valor iene, que só em 97 perdeu 30% diante do dólar. Como os dekassegus ganham em ienes e fazem suas remessas em dólar, com a desvalorização da moeda japonesa precisam de mais ienes para comprar a mesma quantidade de dólares. (...)

Título: Imigrantes acabam debaixo da ponte⁸⁹.

⁸⁷ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; Koury, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2005, p. 16 e 17.

⁸⁸ REMESSA para o Brasil cai 36% desde 95. Jornal Folha de São Paulo 28 de jun, 1998. Dinheiro p. 2-6. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

Grupo de brasileiros que foram ganhar a vida em Hamamatsu não tem nem onde morar.

Eles o chamam de “edifício deitado”. Uma avenida suspensa de 100 metros construída em cima do rio no centro da cidade de Hamamatsu, na província de Shizuoka, a 250 quilômetros de Tóquio, funciona como telhado para um grupo de sem-teto brasileiros no Japão. A dois metros abaixo da avenida, eles dormem num vão estreito formado pela parede da calçada de um lado, o rio de outro e a avenida, em cima. Para não caírem no rio enquanto dormem, improvisam uma proteção de papelão. A polícia japonesa já os tirou de lá duas vezes. Agora, ninguém mais liga. (...)

Todos tem vergonha e não querem dar seus nomes. A maioria não contou para suas famílias no Brasil que o sonho de enriquecer no Japão naufragou.

“ Estamos na pior”

(...)

Fernando é o mais novo do grupo. E o mais complicado. Nascido no Brasil, veio no Japão pela primeira vez com cinco anos, trazido pelo pai, com quem brigou. Ele diz ter dupla nacionalidade, mas, ao mesmo tempo, nenhuma. “Sou japonês para os brasileiros e brasileiros para os japoneses”. Diz que largou o emprego porque “não aguentava mais humilhação” e ainda deve 400 mil ienes para a empreiteira, que segurou seu passaporte. “Tô querendo voltar para o Brasil. Se me derem a passagem e o passaporte, volto amanhã”.

Titulo: Brasileiro dominava entre estrangeiros⁹⁰

⁸⁹ IMIGRANTES acabam debaixo da ponte. Jornal Folha de São Paulo 28 de jun, 1998. Dinheiro p. 2-6. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

⁹⁰ BRASILEIRO dominava entre estrangeiros. Jornal Folha de São Paulo 28 de jun, 1998. Dinheiro p. 2-6. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

Nos últimos sete anos os brasileiros controlaram quase que totalmente os empregos formais oferecidos pela indústria japonesa a estrangeiros.

Essa hegemonia se mantém, mas a crise asiática iniciada em julho do ano passado colocou dentro do Japão milhares de chineses, filipinos e tailandeses que, aos poucos, ocupam espaços no mercado de trabalho antes dominado por brasileiros. (...).

O aparecimento deste mesmo assunto, a crise asiática, num mesmo dia, ressalta a importância que a Folha está dando a este assunto neste momento, e ainda, o fato das três reportagens terem sido publicadas no caderno dinheiro, aponta a intenção de atingir um determinado público, enfatizando a desvalorização da moeda iene.

No ano de 1999, o foco volta a ser os EUA, talvez pelo fato do Japão estar em crise, há um incentivo para os países que usam o dólar, principalmente os EUA. As reportagens apontam ainda a necessidade de imigrar devido a desvalorização da moeda brasileira, o real.

Título: Real fraco realimenta saída de brasileiros⁹¹

Salários em dólar promovem incremento do fluxo de trabalhadores que tentam ganhar a vida no exterior.

A desvalorização do real é um incentivo importante para que brasileiros se disponham a sair do país em busca de trabalho.

(...)

Quem considerava pouco atraente a possibilidade de ter uma renda mensal de, por exemplo, US\$ 1.000 trabalhando no exterior agora vai se sentir muito mais tentado ao notar que esse valor corresponde a cerca de R\$ 1.800.

⁹¹ REAL fraco realimenta saída de brasileiros. Jornal Folha de São Paulo 21 de mar, 1999. Brasil p. 1-15. Banco de Dados Folha. PASTA BRASILEIROS NO EXTERIOR

“A tendência é de a nova política cambial servir como um atrativo, mas o fluxo de brasileiros para o exterior não deve ter a mesma dimensão que teve no final da década de 80”, afirma o embaixador Lúcio Amorim, diretor de assuntos consulares do Itamaraty.

Também é essa a previsão de Teresa Sales, do Departamento de Sociologia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), que lança em abril o seu livro “Brasileiros Longe de Casa”, com uma pesquisa sobre a comunidade brasileira da região de Boston, nos EUA. Ela nota que mudou o perfil dos brasileiros que moram em outros países. Em vez de jovens, homens solteiros, que mudavam temporariamente, agora são famílias, com filhos que estão sendo criados como norte-americanos.

O próprio título da reportagem já condiciona de antemão uma pré-leitura de tudo que vai estar na reportagem, traz um sentido de incentivo que diz: se aqui está ruim, lá fora pode estar melhor. E ainda, há na reportagem uma estratégia que a Imprensa utiliza muito que é usar de vozes legitimadas, especialistas da área, que servem para autorizar o jornal em sua afirmação apoiados em especialistas, ao mesmo tempo em que usar dessas vozes legitimadas fundamentam para aquela construção de um jornal neutro que tem como objetivo informar.

Nos anos de 2000 a 2008, quase todas as reportagens trazem a deportação como unidade-tema, ou melhor, tratam da imigração ilegal, que sempre vem acompanhada de deportações, prisões, expulsão, acirramento das políticas migratórias. Dessa forma, é massiva a representação dos brasileiros sempre relacionados ao mundo negativo, de criminalidade, de violência. Entretanto, é interessante observar que entre uma reportagem e outra, aparece alguma que ganha uma tonalidade positiva, de incentivo. Por exemplo, as reportagens que tratam sobre a travessia de forma ilegal, ao mesmo tempo em que narram as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, traçam todo o caminho, divulgam o ‘esquema’ de como é todo o processo da travessia ilegal.

Veja, que através dos títulos⁹² das reportagens é possível observar que o imigrante brasileiro aparece quase sempre, a partir de 2000, articulado a um universo negativo, o da deportação, que elucida a questão do acirramento das políticas migratórias e também da soberania do Estado na legitimidade da mobilidade.

Título	Editoria	Data
Brasileiro deportado recebe duas propostas de trabalho em SP	cotidiano	20/11/2000
Brasileiros vão esperar até 2 anos por asilo	cotidiano	24/08/2000
Brasileiros buscam inovação no exterior	undo	18/06/2000
Nova lei espanhola ameaça imigrantes brasileiros	undo	24/06/2001
Brasileiro vive melhor que outros imigrantes	undo	06/01/2001
Portugal endurece sua legislação contra imigração	undo	08/06/2002
Imigrante ilegal deixa filha como refém	cotidiano	12/05/2002
Preso nos EUA tem mandado de prisão no Brasil	cotidiano	12/05/2002
Após ver tanque, gaúcho tenta voltar	undo	12/04/2002
EUA condenam quadrilha de brasileiro	cotidiano	04/04/2002
Número de flagrantes na fronteira aumenta	cotidiano	24/03/2002
Japão fecha as portas para decasségus	dinheiro	17/02/2002
Recessão explica queda nos vistos, diz cônsul japonês	dinheiro	17/02/2002
Estrangeiro gay com companheiro brasileiro poderá solicitar visto	cotidiano	20/12/2003
Beatles fazem Londres expulsar 6 brasileiros	undo	23/08/2003
Emigrantes mandam US\$2,6 bi ao Brasil	dinheiro	18/08/2003
Brasileiros em situação ilegal são repatriados	cotidiano	18/08/2003
63 brasileiros são detidos no Reino Unido	cotidiano	15/08/2003
Onde estão as maiores colônias brasileiras	cotidiano	15/08/2003
Salários são baixos para padrões locais	cotidiano	15/08/2003
Igrejas evangélicas auxiliam imigrantes ilegais	cotidiano	15/08/2003
100 mil brasileiros emigram por ano	undo	10/08/2003
Acordo satisfaz os brasileiros clandestinos	Brasil	12/07/2003
Brasileira admite culpa em tribunal americano	cotidiano	08/04/2003
Jovem dekassegui vira caso de polícia	cotidiano	23/02/2003
Prefeito culpa imigrantes por crimes	cotidiano	23/02/2003
Brasil recebe US\$ 100 mil por mês	cotidiano	23/02/2003
Brasil e Suriname fazem pacto de imigração	undo	22/12/2004
Quintuplica número de brasileiros nos EUA	undo	23/09/2004
Imigrantes descrevem ‘terra da oportunidade’	undo	23/09/2004

⁹² Segundo Laura Maciel, o texto jornalístico tem se tornado mais enxuto, sintético, com a utilização de grandes títulos e subtítulos para simplificar a leitura. Dessa forma, os títulos já dizem de antemão, quase tudo sobre o conteúdo das reportagens, por isso, na imprensa atualmente são de grande importância. “Afinal afirma Hora, “um bom título é tudo; a notícia quase nada (...)”. In: MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; Koury, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2005.

Espanha promete regularizar a situação de imigrantes ilegais	mundo	24/08/2004
Mais dois ilegais brasileiros morrem nos EUA	mundo	28/07/2004
EUA prendem mais 20 ilegais brasileiros	mundo	20/07/2004
Brasileiro relata morte em jornada aos EUA	mundo	16/07/2004
A travessia para os EUA	mundo	16/07/2004
Brasil e México farão pacto sobre imigrantes	mundo	15/07/2004
Dois brasileiros detidos nos EUA querem seguir presos	mundo	14/07/2004
Outro brasileiro morre no deserto dos EUA	mundo	10/07/2004
EUA anunciam a libertação de brasileiros, porém, voltam atrás	mundo	10/07/2004
EUA detêm 28 imigrantes ilegais brasileiros	mundo	09/07/2004
Brasileiros ilegais nos EUA batem recorde	mundo	04/07/2004
2,5 milhões de brasileiros vivem fora do país	mundo	04/07/2004
Até meio milhão de goianos vivem fora, diz governo	mundo	04/07/2004
Brasileiro morreu quando tentava a travessia a pé	mundo	04/07/2004
Chegam mais 251 brasileiros deportados	cotidiano	04/03/2004
Parentes e amigos guiam imigração ilegal	Brasil	01/02/2004
Repatriados recebem ajuda de MG para voltar	cotidiano	30/01/2004
Lula dirá a Bush que fichar brasileiros é “inadequado”	Brasil	12/01/2004
Brasil é fonte de imigração ilegal, diz cônsul	cotidiano	10/01/2004
Brasileiros presos poderão voltar	cotidiano	09/01/2004
Bush elogia ‘remoção rápida’ de brasileiros	mundo	30/11/2005
Brasileiros presos em MCALLEN	mundo	30/11/2005
Rota do tráfico na Guatemala é o novo caminho para atingir os EUA	mundo	30/11/2005
Brasil agora lidera ranking de barrados pelo Reino Unido	mundo	23/11/2005
Presidente faz ‘apelo’ por perdão de multa	Brasil	14/10/2005
EUA têm recorde de brasileiros detidos	mundo	05/10/2005
320 brasileiros que foram deportados dos EUA chegam ao país	cotidiano	04/08/2005
Explode número de brasileiros barrados na imigração britânica	mundo	31/07/2005
Brasileiros se dizem chocados, mas não pensam em voltar	mundo	31/07/2005
Ilegais “driblam” imigração britânica	mundo	31/07/2005
Brasileiros arriscam-se por salário melhor	empregos	31/07/2005
Brasileiro no exterior	empregos	31/07/2005
Viagem distancia profissional do mercado	empregos	31/07/2005
“Foram dias difíceis lá fora”, relata brasileira	empregos	31/07/2005
Itamaraty se irrita com discussão sobre visto	mundo	29/07/2005
Imigração aperta cerco a brasileiros	mundo	24/07/2005
Boston tem jornal diário para brasileiros	turismo	07/07/2005
Brasileiro com Aids é barrado nos EUA	cotidiano	10/06/2005
Espanha legaliza 700 mil imigrantes	mundo	03/06/2005
México estuda exigir visto de brasileiros	Mundo	06/05/2005
Não há uma só causa, dizem analistas	mundo	06/05/2005
Captura de brasileiros nos EUA decuplica	mundo	05/05/2005
EUA prendem mais de 202 brasileiros ilegais	Mundo	04/05/2005

EUA capturam mais de 184 ilegais brasileiros	mundo	28/04/2005
Brasileiros ilegais começam a ser liberados nos EUA	mundo	28/04/2005
Americanos prendem 232 brasileiros ilegais	mundo	23/04/2005
Evento debate imigração brasileira para EUA	mundo	21/03/2005
Comunidades se descentralizam e vão ao interior	mundo	21/03/2005
Brasileiros enfrentam duras leis britânicas	mundo	13/02/2005
Governo do Brasil procura ajudar ilegais, diz cônsul	mundo	13/02/2005
Imigrantes ilegais vivem sob tensão e apostam em passaporte europeu	mundo	13/02/2005
Prisões também aumentam do lado mexicano	mundo	16/01/2005
Deputados pedem dureza contra imigrantes	mundo	16/01/2005
Igreja dos EUA ‘importa’ padres brasileiros	mundo	16/01/2005
Reino unido estuda exigir visto de brasileiro	cotidiano	12/01/2005
Brasileiros deixam de emigrar via México	mundo	16/11/2006
Emigração brasileira aos EUA via México	mundo	16/11/2006
Guatemala é a alternativa mais perigosa	mundo	16/11/2006
Brasileiro prefere NY como local de trabalho nos EUA	dinheiro	11/11/2006
Brasileiros se decepcionam com “sonho português”	mundo	05/11/2006
Brasileira diz que foi agredida em aeroporto da Irlanda	cotidiano	28/10/2006
Brasileiros são condenados por falsificação	cotidiano	27/09/2006
Ameaçados, brasileiros fogem nos EUA	mundo	21/08/2006
Protesto acaba em confronto com ufanistas	mundo	21/08/2006
Brasileiros ilegais crescem acima da média nos EUA	mundo	19/08/2006
Governo português muda regras para a imigração	cotidiano	10/08/2006
Imigrantes brasileiros obedecem a raízes e “projeto familiar”	mundo	20/07/2006
CPI diz que EUA maltrataram imigrantes	mundo	29/06/2006
Segundo relator, ao menos dois prefeitos estão envolvidos em esquema irregular	mundo	04/06/2006
Cidade em Portugal convida brasileiros para repovoá-la	mundo	21/05/2006
Rumo ao desconhecido	Caderno especial	21/05/2006
Ignorados pelo censo, brasileiros aderem a protesto	mundo	11/04/2006
Texto ataca prisões britânicas de imigrantes	mundo	06/04/2006
EUA punem brasileiros por greve de fome	cotidiano	10/02/2006
Cônsul afirma que acusação de ‘apatia’ é improcedente	cotidiano	10/02/2006
Emigração preocupa mais, dizem professores	empregos	29/01/2006
Consulado do Brasil em Londres diz não saber de troca de vistos por sexo	mundo	05/01/2006
Cidade dos EUA onde 25% da população veio do Brasil reverte lei antiimigrantes	mundo	27/09/2007
Violência já é a primeira causa do êxodo para Lisboa	mundo	01/07/2007
Ilegais brasileiros temem vitória de Sarkozy	mundo	20/04/2007
Brasileiros detidos nos EUA devem voltar em até 15 dias	mundo	23/02/2007
Brasileiros são presos em caminhão ao entrar nos EUA	mundo	22/02/2007

Pesquisador traça perfil do êxodo	Mais!	17/02/2008
Brasileiros no exterior terão cartilha	dinheiro	16/01/2008

O não reconhecimento do imigrante como um cidadão, portanto, não pertencente a este lugar, deixa-o vulnerável aos diversos tipos de violência. A deportação carrega um sentido pejorativo, não se trata apenas de uma ação política, mas social e cultural, porque deportar significa banir, expulsar, é uma ação violenta que traz humilhação. E ainda, muitas das vezes, o imigrante antes de ser deportado, fica detido, preso, como um criminoso.

O grande número de reportagens nos anos de 2004, 2005 e 2006 demonstra a importância que a imprensa periódica estava dando a este assunto neste momento, principalmente no ano de 2005, totalizando um total de 35 reportagens. É interessante ainda, ressaltar que neste ano de 2005, estava em transmissão na rede Globo a novela ‘América’, na qual um dos principais temas em pauta é a imigração ilegal, o que indica uma competição ou até mesmo alianças entre empresas de comunicação, de TV ou de informática.

A novela foi transmitida entre os meses de março e novembro no ano de 2005, neste período observa-se nas outras mídias, inclusive na que nos interessa aqui, o jornal Folha de São Paulo, a frequência do assunto imigração. É importante salientar que o exagero na cobertura de um fato, não quer dizer necessariamente o aumento real da frequência deste fato no momento, mas, a capacidade de distorção da cobertura jornalística, dando relevância para aquilo que acha interessante segundo os seus objetivos, ao mesmo tempo em que, demonstra a necessidade que a imprensa periódica tem de se ajustar àquilo que mídia televisa coloca, mesmo porque, a TV é o meio de comunicação de massa mais amplo. Assim sendo, tudo aquilo que ela destaca como sendo ‘importante’ também ganha destaque nas outras mídias.

Como já foi discutido anteriormente, por uma questão mercadológica, ou seja, de se ajustar as diferentes demandas, e conseqüentemente, ter um maior lucro, a imprensa periódica tem perdido sua especificidade e se ajustado cada vez mais a outros

realidades, como a TV, ou até mesmo, formando grandes conglomerados em parceria com outras mídias.

Existem várias outras questões que podem ser analisadas levando em conta, somente estes títulos que foram digitados acima, por exemplo. Analisar a imigração sob o ponto de vista da Imprensa oferece múltiplas formas de abordagem, no entanto, é preciso que em outro momento a pesquisa avance mais, se não, corro o risco de ser redundante.

Destarte, trabalhar com a imprensa trata-se de uma tarefa complexa e cheia de armadilhas, dentre as quais a mais perigosa é usá-la como espelho do real. Contudo, através do conhecimento de autores que tratam sobre o fazer jornalístico e de um trabalho de percepção das estratégias que utiliza é possível perceber os sentidos que está atribuindo ao assunto imigração e conseqüentemente, a memória que se está produzindo.

O imigrante nas reportagens quase sempre aparecem relacionados a um universo negativo, o da ilegalidade, que leva a uma série de violências sofridas pelos imigrantes, no entanto, ainda assim, é possível perceber uma construção de uma tonalidade positiva, de incentivo, que fala “Estranhos no Paraíso”, ou seja, a situação do imigrante lá fora é muito difícil mas há oportunidades melhores lá do aqui. Mesmo porque, os fracassos quase não são divulgados, a não ser a questão da legalidade, que é colocada como o maior obstáculo aos imigrantes, passando a impressão de que depois vencido este obstáculo o resto é ‘tranquilo’. Sendo que, mesmo que as fronteiras geográficas sejam vencidas, a fronteira cultural-social continua a existir e a provocar os mais diversos conflitos. E ainda, existe um outro lado do imigrante, que são os vários artifícios e estratégias que usam no dia-a-dia para driblar o serviço de imigração e se adaptar da melhor forma possível a esse universo, um outro lado que a Folha quase não traz.

Trabalhar com a Imprensa periódica traz quase que uma inesgotável fonte de problematizações, no entanto, é preciso ampliar os métodos para que outros elementos sejam levados também em consideração. Contudo, é preciso levar em conta que houve muitos avanços no trabalho com a Imprensa, mesmo porque, a princípio trabalhava na perspectiva da Imprensa como espelho do real. Dessa forma, através das leituras de autores que tratavam sobre a Imprensa e do entendimento da organização da própria Folha foi

possível observar a produção das notícias que se realizam buscando alcançar determinados objetivos. E ainda, através da análise das reportagens produzidas pela Folha apreende-se a existência da construção de uma memória sobre a imigração que exalta determinados aspectos desse processo enquanto outros são ocultados, buscando difundir uma memória universal sobre a imigração oferecendo um modelo (em consonância com seus interesses) do que é este processo social, mas que não dá conta da complexidade deste processo vivido pelos sujeitos históricos.

Considerações Finais

Este trabalho visou demonstrar, especialmente, a construção de uma memória realizada pelo jornal Folha de São Paulo sobre o processo migratório, ou melhor, sobre a ida de brasileiros para o exterior. O jornal ao noticiar difundiu uma dada memória a partir da produção das notícias que atendem a determinados interesses e objetivos.

Nesse sentido, embora o jornal seja visto como mero difusor dos fatos, como espelho do real, a sua produção sobre o assunto imigração é subjetiva, assim como qualquer outra, enveredando caminhos de leitura, sentidos e recortes sobre este processo social que não são necessariamente os ‘únicos’ ou ‘universais’ mas, aqueles que a Folha naquele momento deseja instituir como sendo ‘a imigração’. E esta memória constituída pelo jornal é difundida em função do seu ‘poder’ em ‘vender opiniões’, ‘formas de pensar’, sob a carapaça da neutralidade, do serviço social de informar.

Para além do trabalho de (des) construção da produção jornalística, busco salientar a importância de reconhecer o jornal não como simples fornecedor de informações mas, como uma empresa que funciona de acordo com as lógicas mercadológicas. Sendo assim, de forma alguma sua produção será neutra ou despolitizada, pelo contrário, sempre intencionalizada e articulada a interesses subjetivos.

Desta maneira, destaco também a importância deste trabalho como apontamento da necessidade da leitura crítica, não só do jornal, como dos diversos veículos de comunicação no nosso dia-a-dia. Salientando, ainda, a necessidade de estender tal prática, a leitura crítica, sobretudo, para as salas de aulas, oferecendo uma outra perspectiva da história diferente daquela enfatizada, como sendo o estudo das datas e fatos, mas como sendo um espaço de questionamentos, problematizações, discussões. Além disso, o trabalho com fontes, como jornal, também serviria para demonstrar a pesquisa em história, na qual, o principal procedimento são os questionamentos, ou seja, as perguntas (os por que(s)). Como professora, percebo na minha prática docente o quanto é importante incitar os alunos aos questionamentos, a problematizarem, a perguntarem: ‘Por que é assim e não daquele jeito?’, pois, dessa forma ‘nasce’ a curiosidade que move o interesse pelo aprendizado.

Durante a construção deste trabalho resenti da falta de um maior número de produções historiográficas que tratassem sobre a metodologia na análise das reportagens. Ou seja, ao realizar este trabalho, observei uma ‘ausência’ de historiadores que trabalhassem a imprensa como fonte, ou melhor, que trouxessem métodos para a análise dos elementos constitutivos do fazer jornalístico. Mesmo o trabalho da historiadora Laura Maciel, no qual problematiza a imprensa, sendo de grande relevância para as discussões aqui presentes, usei de muitos autores que estavam falando de dentro do próprio meio jornalístico, como por exemplo, Barbero, em razão desta ‘ausência’ de historiadores que tratavam sobre o assunto.

É claro, que o historiador durante o seu trabalho, no contato com sua fonte constrói os métodos que julga adequados para sua pesquisa, contudo, o contato com mais historiadores que analisasse os discursos jornalísticos ajudariam mais na percepção de elementos relevantes para a (des)construção dos discursos do jornal.

Saliento também a importância desta produção para a percepção da complexidade dos processos migratórios. Através da análise das reportagens e da apreensão do movimento empreendido pelo jornal de divulgação/ocultação, ou seja, da divulgação de alguns ‘fatos’ e sujeitos e o apagamento de outros, é possível compreender a imigração para além da questão econômica e legal enfatizados pela Folha, percebendo através dos silêncios, omissões os vários elementos e sujeitos que estão em ‘jogo’ dentro deste processo social.

Acredito que este trabalho seja importante para perceber dentro do processo histórico as disputas e conflitos travados entre os diferentes sujeitos no dia-a-dia a partir de determinados contextos históricos, como a imigração. Tal contexto é vivenciado e experimentado de formas diferentes pelos vários sujeitos que participam dele, de acordo com suas ‘realidades’ e interesses. Por isso, embora eu trabalhe aqui com a perspectiva de uma memória (construída pelo jornal Folha de São Paulo), são várias as memórias instituídas sobre a imigração que buscam oferecer seu “ponto de vista” que é articulado aos seus interesses e suas vivências. Nesse sentido, um agente, neste caso a Folha de São Paulo, ao construir uma determinada memória acaba dando relevância a determinados aspectos da

imigração, ou ainda, construídos sentidos para este processo social que marginaliza, exclui ou ignora outros aspectos, outros sentidos, não levando em consideração a complexidade dos processos migratórios.

A experiência da pesquisa foi extremamente enriquecedora para mim, na qual pude perceber a necessidade de trazer tal prática não só para minha vivência do dia-a-dia mas, sobretudo, para a prática docente, transformando a pesquisa como um caminho para a efetivação do processo ensino-aprendizagem. Mesmo que seja uma prática ‘dolorosa’, no sentido de ser uma atividade que exige no mínimo seriedade, ela não pode ser desvinculada de forma alguma de nenhuma atuação do historiador, inclusive como professor. E ainda, a experiência da pesquisa nos leva a refletir que as fontes sempre nos oferecem quase que uma inesgotável possibilidades de problematizações, quanto maior o contato com as fontes, maiores e melhores são as reflexões, ou seja, sempre há outros caminhos de reflexão que podem ser explorados fazendo com que a pesquisa avance mais. Contudo, apesar das limitações, considero este trabalho de extrema relevância para minha formação como historiadora, não só porque é fruto de indagações minhas construídas durante o curso mas, sobretudo, por fazer-me refletir, como já mencionado, sobre a importância da pesquisa em história e da construção de novos conhecimentos/reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/ FONTES

BALCÃO, Lier Ferreira. A Cidade das Reclamações: Moradores e Experiência Urbana na Imprensa Paulista – 1900/1913. Dissertação de Mestrado. PUC – São Paulo. 1998.

BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 83.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1994. **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAMARGO, Cassiana Carrijo. Cultura letrada e imprensa: O Jornal Correio de Uberlândia. 1938-1960. (Monografia de conclusão do curso). Universidade Federal de Uberlândia. 2004.

CANCLINE, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **A globalização imaginada**: Globalizar-se ou defender a identidade: como escapar dessa opção. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CHOMSKY, 1997 apud ARBEX, 2001, P. 59-60.

FENELON, Déa Ribeiro. Pesquisa em História. São Paulo: Olho D'água; Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, n. 1, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004, 2120.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (1990-2008). Acervo digital – Folha online.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LOPES, N. F. “VIOLÊNCIA URBANA E “CLASSES PERIGOSAS”: a produção de notícias nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia – (1989). (Monografia de conclusão do Curso). Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; Koury, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2005.

ORTIZ, Renato. El contexto mundial y el iberoamericano; Las culturas de la contemporaneidad. In: Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica. Barcelona: Fundación Interarts, 2005.

PERES, Maria Gisele. Para além das fronteiras: culturas e experiências de trabalhadores latino-americanos: Uberlândia, 1990/2007.

VIEIRA, Maria do Pilar, **PEIXOTO**, Maria do Rosário da Cunha e **KHOURY**, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo, editora Ática, 1989.

VITORIO, Benalva da Silva. **Imigração brasileira em Portugal: identidade e perspectivas**. Santos, 2007, p. 22.

ZICMAN, Renée Barata. 4º parte: artigos: História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, 1981.

BIBLIOGRAFIA DISPONÍVEL NA INTERNET

REIS, Rossana Rocha. **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 abr. 2008.

NOGUEIRA, Andréa de Araújo. **As Folhas de Nabantino Ramos**. Disponível em: <<http://www.redealar.jornalismo.ufsc.br/cd3/jornal/andreadearaujonogueira.doc>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>.